



DIRECTORA: HÁLIA COSTA SANTOS

www.esta.ipt.pt

esta

JORNAL

N.º 8 . ANO 4 . TERÇA-FEIRA, 31 DE JANEIRO DE 2006

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA DE ABRANTES

INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR

ENTREVISTA



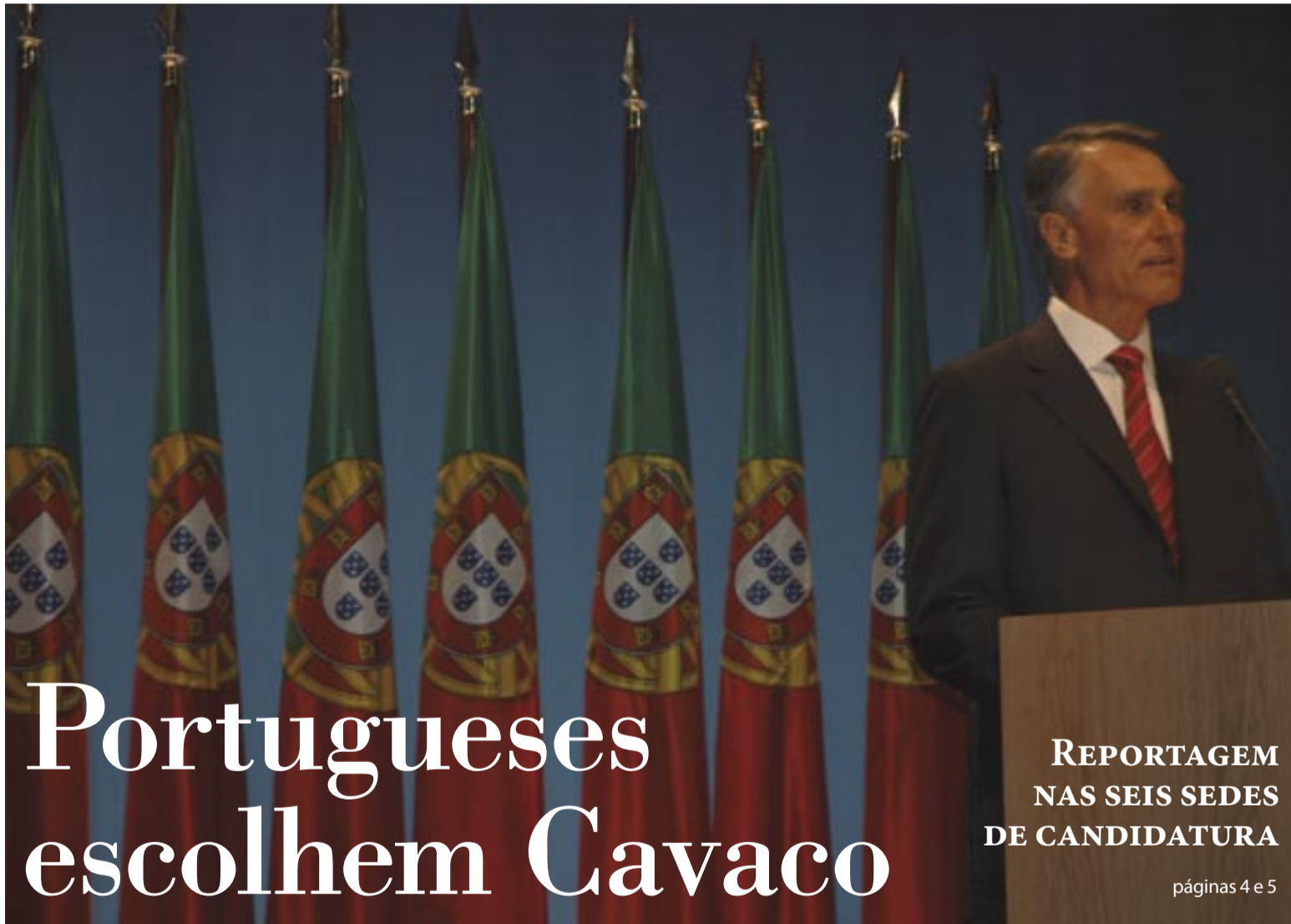
Luís de Matos

p. 16

IMPRENSA REGIONAL COM NOVO FÔLEGO

páginas 6 e 7

JOÃO PEREIRA



Portugueses escolhem Cavaco

REPORTAGEM
NAS SEIS SEDES
DE CANDIDATURA

páginas 4 e 5

Reacções de apoiantes do novo presidente recolhidas, na noite eleitoral, pelo ESTA Jornal. Testemunhos de quem acreditou na candidatura e quis estar presente no momento da vitória.

Miguel Frasquilhe
Deputado



O professor fará de tudo para promover o desenvolvimento do país, e cooperará, estou certo, com o Governo e com as políticas acertadas para o país

Pedro Granger
Actor



Quando nós acreditamos numa pessoa, numa coisa, numa causa, seja o que for, vale sempre a pena, quer se ganhe quer se perca

Kátia Guerreiro
Fadista



Todos nós sofremos aqui uma agressão muito grande, mas isto é a prova de que tudo aquilo que tentaram fazer era mentira

Ferreira do Amaral
Ex-ministro

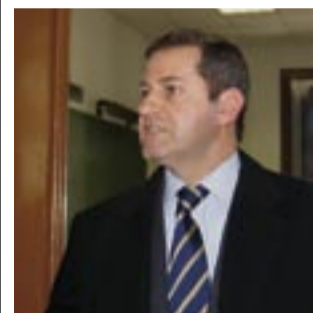


O meu grande alívio e a minha grande satisfação fo ele ter decidido candidatar-se. Isso deu uma esperança nova ao país

António Sala
Dir. Geral da Rádio Renascença



O povo português é muito sensato e tem sempre um grande equilíbrio. Escolheu de uma maneira livre e com estes resultados vemos que escolheu muito bem.



Miguel Pinto dos Santos, novo director da ESTA

“Nunca esteve” no seu horizonte chegar ao topo, mas agora Miguel Pinto dos Santos é director da ESTA. “Numa escola, o mais importante são os professores e os seus alunos”, defende o novo “homem do leme”, em entrevista ao ESTAJornal. Dar seguimento àquilo que foi feito pela anterior direcção é o ponto de partida de Pinto dos Santos. Nomeadamente ao nível dos projectos e das parcerias em curso. No relacionamento com os alunos, admite ser rígido em relação a “determinados comportamentos”, até porque foi educado num tempo em que certas coisas não eram “admissíveis”. Quer que a comunicação seja um ponto forte no seu relacionamento com os elementos da “sua” comunidade académica. Fica uma promessa: “Total transparência”.

p. 10 e 11



- Futsal Feminino-

Muito esforço e pouco reconhecimento

p. 17



SUPLEMENTO

Editorial

Com um “sim”
ou com um
“empurrão”

“Os jornalistas têm de sair para a rua”. Seja a nível regional, seja a nível nacional. Quem o diz é a nova directora do jornal “Abarca”, Patrícia Fonseca, no âmbito de um trabalho que apresentamos nesta edição do ESTAJornal. Quisemos saber o que se passa com a imprensa da região onde estamos. Verificámos que, em quatro jornais, há muita coisa a mexer. E entendemos que o papel de um jornal laboratório, como este, passa, também, por dar conta de novidades a este nível. Por isso, os alunos foram para o terreno.

O trabalho jornalístico sobre as mudanças na imprensa regional até poderia ter sido feito por telefone. Mas não foi. Como não foi a esmagadora maioria das outras notícias, entrevistas e reportagens. Dos restantes 15 trabalhos, 13 implicaram que candidatos a jornalistas fossem para o terreno. Foram falar com as pessoas, foram ver como se passam as coisas com os seus próprios olhos. Os outros dois trabalhos, que são pequenas notícias, foram feitos com recurso a testemunhos de quem presenciou o acontecimento. Fazemos jornalismo assim, sem pretendermos ser (ainda) profissionais.

Esta não é a primeira vez que os alunos da ESTA saem em reportagem para cobrir acontecimentos de política nacional. Já o fizeram com os congressos do PSD e do CDS/PP. Desta feita, com uma nova equipa, o objectivo era o de acompanhar o momento em que se conheceriam os resultados das eleições presidenciais. A resposta afirmativa de Jerónimo de Sousa foi imediata. Seguiu-se a de Francisco Louçã. Garcia Pereira, assim que foi contactado, disse logo “sim”. Percorrendo vários elementos do “staff” de Mário Soares, só na véspera foi possível chegar ao verdadeiro responsável pelas credenciais que, então, concordou de imediato com a presença dos nossos “repórteres”. Para chegar ao “sim” de Manuel Alegre foi preciso um “toque”. A Cavaco Silva só conseguimos chegar ao “empurrão”. Sabemos que os espaços são limitados; sabemos que os profissionais estão primeiro. Mas insistiremos sempre, enquanto não nos provarem que não estamos a proceder da melhor maneira. Já agora, ‘cooperação institucional’ não é a palavra de ordem?

Hália Costa Santos

ESTATUTO
EDITORIAL

- O ESTA é um jornal de Escola, de pendor assumidamente regional, mas que nem por isso abdica da dimensão de um órgão de grande informação ou da ambição de conquistar o público para além do meio universitário.
- O ESTA Jornal adopta como lema e norma critérios de rigor, de absoluta independência e de pluralismo dos pontos de vista a que dá expressão.
- O ESTA Jornal aposta, por isso, numa informação plural e diversificada, procurando abordar os mais diversos campos de actividade numa atitude de criatividade e de abertura perante a sociedade e o Mundo.
- O ESTA Jornal considera como parte da sua missão contribuir para a formação de uma opinião pública informada, emancipada e interveniente - condição fundamental da democracia e de uma sociedade aberta e tolerante.
- A democracia participativa e entendida para além da sua dimensão meramente institucional, o pluralismo, a abertura e a tolerância são os valores primaciais em que se alicerça a atitude do ESTA Jornal perante o Mundo.
- O ESTA Jornal considera-se responsável única e exclusivamente perante a ambição e a exigência dos seus redactores, alunos do Curso de Comunicação Social da Escola Superior de Tecnologia de Abrantes e perante o público a que se dirige.

O ESTA Jornal está por isso plenamente disponível e empenhado com os leitores, comprometendo-se a manter canais de comunicação abertos com quantos connosco queriam partilhar as suas ideias e inquietações.

Os Donos
do voto

JORGE FERREIRA*

Há muito tempo que a cobertura televisiva das campanhas eleitorais viola o princípio do tratamento noticioso equitativo dos vários concorrentes. Sejam legislativas, europeias, autárquicas ou presidenciais. Sobretudo os editorialistas das televisões têm-se arrogado o poder de decidir quem deve e quem não deve ter antena.

Isto só é possível porque em Portugal a autoridade reguladora da comunicação social não tem prestígio nem autoridade e é fraca. E porque também na comunicação social o sentimento de impunidade sancionatória é tão grande ou ainda maior do que na sociedade em geral.

As televisões em Portugal decidem quem deve ter ou quem não deve ter votos. Quem deve ou quem não deve estar presente nos debates, o que na sociedade actual é mais do que suficiente para condicionar à partida o jogo eleitoral.

A situação é mais escandalosa no serviço público, o qual, renegando a designação e abjurando o dinheiro que recebe

dos impostos dos portugueses todos e que lhe permite existir se dá ao luxo até de ignorar olímpica e impunemente recomendações da comissão Nacional de Eleições, como sucedeu nas últimas eleições autárquicas.

Na recente campanha presidencial assistiu-se à situação caricata de se fazerem debates com candidatos que ainda não eram formalmente e não se fazerem os mesmos debates com um candidato que o veio a ser. Foi o expoente máximo da distorção da competição eleitoral. Não se discute obviamente que a cobertura noticiosa das campanhas tenha critérios editoriais. O que se rejeita é que numa campanha eleitoral esse seja o único critério a ter em conta. Não é. Até porque a Lei estabelece outros.

Por muito que custe a quem gosta de vender sabonetes e Presidentes, a democracia moderna jamais poderá ser confundida com um simples índice de audiências.

Artigo escrito em 21 de Janeiro de 2006

*Docente da ESTA

UM CARTOON
PATRÍCIA FREITAS

FUNDADO A 13 DE JANEIRO DE 2003
PROPRIEDADE DA ESCOLA SUPERIOR
DE TECNOLOGIA DE ABRANTES

MORADA: RUA 17 DE AGOSTO DE
1808
2200-370 ABRANTES
TELEFONE: 241361169
FAX: 241361175
E-MAIL: estajornal@ipt.pt

esta
JORNAL

DIRECTORA: HÁLIA COSTA SANTOS
DIRECTORA-ADJUNTA: RAQUEL BOTELHO
REDACÇÃO: ANA CATARINA BRANDÃO, ANA NEVES, ANA RAQUEL FERREIRA, ANDRÉ CANOA, CATARINA MACHADO, CATARINA VÉSTIA, CHARLENE IZAQUE, CLÁUDIO MONTEIRO, CRISTINA SANTOS, EUNICE PINTO, HELENA SOFIA MACEDO, JEFFERSON GOMES, JOÃO PEDRO LOBATO, LILIANA SÉCA SANTOS, MARIA JOÃO CARDADOR, MARIA JOSÉ VAZ, MARTA RAMALHO, NELLY CAETANO, NUNO CAROLA, PEDRO CANELAS NICOLAU, ROSA MATOS, TÂNIA PISSARRA, VÂNIA PALMINHA, RAFAELA SANTOS
COLABORADORES: ANA CASIMIRO, BRUNO SOUSA RIBEIRO, DAYANA DELGADO, DANIEL MEIRELES, FÁTIMA RODRIGUES, JOÃO PEREIRA, JORGE FERREIRA, MARIA ROMANA, PATRÍCIA FREITAS, RUI CARRETEIRO, SANDRA FERNANDES, TIAGO LOPES
REVISÃO: MARIA ROMANA, MARTA AZEVEDO E RUBINA JASSAT
PROJECTO GRÁFICO E PAGINAÇÃO: JOÃO PEREIRA
IMPRESSÃO/GRÁFICA: GRÁFICA ALMONDINA, TORRES NOVAS
TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES



André Canoa

Euromilhões de Bruxelas

Portugal e os portugueses podem sorrir quanto ao desfecho de Bruxelas. Apesar da proposta inicial portuguesa rondar os 17 mil milhões de euros, a fatia conseguida do bolo europeu é de 22,5 mil milhões de euros. Os mestres da arte da negociação e conversação, os diplomatas e os mandatórios lusos, estão de parabéns.

Os fundos europeus estão projectados para os próximos sete anos (2007-2013). Após este foco de positivismo na escuridão do panorama português, creio que muito se vão interrogar os portugueses. Será este impulso suficiente para recuperar a economia nacional? Qual a sua aplicação? Quais as prioridades do Governo? Para quando os resultados?

Estas e muitas outras questões perduram na mente dos portugueses, que aspiram a uma resposta rápida, objectiva e especialmente positiva. A grande aposta será numa política de desenvolvimento regional (19,183 mil milhões euros) e no investimento ao desenvolvimento rural e das pescas (3.300 mil milhões euros). O auxílio financeiro urge, pois o risco de de-

certificação no interior português vai sendo uma realidade. Mas, se bem reflectirmos, qual será a área da conjuntura política que não necessita de apoio económico? Difícil será encontrar uma que rejeite.

As entidades governantes e os agentes económicos jogam um trunfo importante numa crise que se arrasta a cada dia que passa. A estes exige-se eficácia, capacidade de administração e progresso. Há que usufruir devidamente dos seis milhões de euros por minuto que visam transferir-se para os cofres portugueses durante os próximos sete anos, pois tal quantia pode vir a ser utópica. Não esquecer que vivemos numa Europa cada vez mais ampla e que em breve poderá contar com 27 países.

Como bons cidadãos cabe-nos também a cooperação e cumprimento com as nossas obrigações para com o Estado, porque afinal de contas o Estado somos todos nós e aquilo que de melhor ou pior fazemos diz-nos respeito. As boas novas de 2006 estão aí, agora há que remar em busca de novos horizontes, ou não.



Maria João Cardador

Uma imagem imaginada...

O uso abusivo da imagem sempre foi um tema controverso nos nossos meios de comunicação social. Há pouco tempo, ao desfolhar uma revista tipo sensacionalista, reparei numa fotografia de alguém que tinha morrido e que seria a protagonista de uma determinada reportagem. Essa imagem, de uma prostituta, teria sofrido algumas transformações. Cheguei a essa conclusão quando vi que dentro da própria revista estava a fotografia original. O ar angelical da imagem transformou-se. Por isso, e pelos contornos da história, a personagem passou a ser denominada "Anjo da Morte". Apresentá-la como um suposto demónio tem como objectivo, segundo deduzi, impressionar ou até mesmo assustar um certo público, aquele que se interessa pelo tema dessa mesma reportagem: a prostituição e a sida.

Apesar de ser um tema que à partida é

de interesse público, não se justifica a exposição de uma fotografia que tudo indica terá sido manipulada. Sobretudo porque a protagonista não poderá ter autorizado a sua divulgação. Por outro lado, a sua família é desconhecida dos media, e só família mais directa poderia autorizar a sua publicação.

Então, para quem deveremos direccionar a responsabilidade deste acto? Terá esta revista o direito de actuar em prol dos tais interesses/necessidades do leitor?

Pelo que pude constatar, ninguém irá interceder pela pessoa em questão e tão pouco pelo erro cometido. Mas estes meios de comunicação social terão que respeitar a integridade das pessoas que acreditam neles, que consomem o seu produto.

E só continuarão a proliferar se a sua credibilidade continuar no topo, ou não...



Charlene Izaque

A miragem de Quioto

Actualmente respiramos um Portugal des preocupado e complacente. O nosso país conseguiu ultrapassar as metas definidas no protocolo de Quioto e inevitavelmente irá aumentar as emissões de gases com efeito de estufa em 42,2%, no ano de 2012. Se Portugal era um dos países que estava autorizado a aumentar as suas emissões, neste momento a situação mostra-se diferente e necessariamente grave. O país terá que começar a comprar direitos de emissões de poluentes a outros países, com níveis abaixo dos permitidos por Quioto.

A "lucidez" do nosso país poderá vir a custar os hilariantes 273 milhões de euros por ano. O comércio de emissões sai "barato" e é sem dúvida uma forma "inteligente" de sobrepor os interesses políticos e económicos aos sintomas ambientais. Agora pensemos... Será que este acréscimo não era esperado? Foram tomadas medidas e políticas estruturais ao longo dos anos? Não estou optimista... e a actualidade fala por si!

Estamos habituados às esporádicas discussões sobre "Energias Renováveis". O tema é popular, mas o "renovar" parece estar longe.

Por enquanto a demagogia disfarça um tempo que escasseia e a inércia, essa, perdura. A adopção da política dos três R's (redução, reutilização e reciclagem) é também um objectivo bastante apregoado. Porém este é mais um aspecto que vence pela omissão de estratégias a curto, médio e longo prazo. Os idealismos sobrevivem... e a concretização surge como mera miragem.

Um país comercialmente pouco competitivo, que se baseia num desenvolvimento industrial rápido e incondicional e que aparenta ter um conceito, no mínimo, ingénua de desenvolvimento sustentável, terá como seguro um futuro promissor? Desenvolvimento sustentável não, certamente, sinónimo de resíduos perigosos produzidos por algumas indústrias ou de lixeiras a céu aberto. A sustentabilidade exige um olhar não só para o "agora", mas para o "antes" e "depois". É necessário assegurar o bem-estar das gerações vindouras... respeitar e fortalecer aquilo que Portugal oferece. Há que combater o egoísmo inerente ao homem, a cegueira humana, que continua aliada à falta de civismo e progressiva desresponsabilização.



Catarina Véstia

Todos diferentes, todos iguais

A homossexualidade é um tema bastante polémico, e ainda sujeito a muitos tabus. Nestes últimos tempos, o assunto tem estado na ordem do dia, seja com o casamento do cantor Elton John, seja com a aprovação da lei de adopção por casais homossexuais na Bélgica. Mas, ainda assim, este é um tema controverso. O casamento civil, a união de facto e a adopção de crianças são aceites por um leque reduzido de países e, em Portugal, só no ano passado foi permitida a união de facto.

Afinal o que têm os homossexuais de tão diferente? Não são seres humanos como nós? Se somos todos livres para escolher o que é melhor para nós, também eles não têm esses mesmos direitos?

Algo que chamou a minha atenção foi o facto de os homossexuais não poderem ingressar no exército americano, se assumirem a sua orientação sexual. Será que por terem escolhas diferentes das nossas não têm as mesmas capacidades?

Estas são as questões que gostava de ver respondidas. Os homossexuais são seres humanos como os heterossexuais e todos devemos ter os mesmos direitos. Ninguém deve ser recriminado por ser diferente.

No nosso dia a dia, queremos sempre ter algo de distinto, é a diferença que marca o ser humano, é por isso mesmo que cada um de nós é único. Por isso, está na altura de aceitarmos as diferenças.

PRESIDENCIAIS

O ano da glória de Cavaco Silva

NUNO CAROLA

Centro Cultural de Belém (CCB), Lisboa, 19h30. Meia centena de apoiantes agitam bandeiras da candidatura de Cavaco Silva enquanto se vêem a si mesmos nos dois ecrãs gigantes que ladeiam a varanda onde há de aparecer o Professor.

No átrio exterior do CCB circulam laboriosamente, como se fossem formigas, elementos do "staff" da candidatura. A cada entrada, dois ou três seguranças, garantindo a passagem apenas daqueles que possuem convite.

Lá dentro tudo está preparado até ao mais ínfimo pormenor. No Pequeno Auditório, onde o Professor discursará ao país, alinham-se câmaras de filmar, medem-se ângulos, estendem-se cabos, reservam-se cadeiras. Manuela Ferreira Leite aguarda serenamente pela vitória do seu mestre político, enquanto vai comentando, com auscultadores nos ouvidos, as sondagens para a Rádio Renascença.

Na Sala de Imprensa, propositadamente instalada, corre uma comprida mesa repleta de computadores e telefones, onde mais de cinquenta jornalistas recebem resultados, fazem chamadas e seguem o apuramento pela única televisão colocada no topo da sala.

Nos corredores, seguranças de ar noturno olham para cada pessoa que passa, não vá algum intruso ter furado o sistema de controlo. Jornalistas, políticos, actores, músicos, apresentadores de televisão, "staff", apoiantes devidamente trajados, caminham apressadamente entre o WC e a Sala de Imprensa, o Salão e o Átrio, onde aproveitam também para ir espreitando o volume de apoiantes que se concentra no exterior. Nervosamente, contornam cinzeiros cheios de pontas de cigarros, saltam por cima de cabos, cumprimentam-se, já, afavelmente pelo triunfo esperado.

20h00. No Salão os convidados amontoam-se em frente das diversas televisões colocadas à espera das primeiras projecções.

A SIC prevê a vitória de Cavaco Silva com 54,6% dos votos, e a multidão rejubila. Vendo-se a si mesmas na televisão, um grupo de senhoras dança entusiasticamente para a câmara, enquanto os restantes convidados regressam ao beberete em amena cavaqueira. A partir daqui o ambiente já não é o mesmo.

Os rostos da campanha começam a chegar, e são recebidos de forma fraternal. Ninguém consegue esconder a alegria. No centro da turba de convidados, um pequeno núcleo é alvo de todos os focos de câmara, microfones, telemóveis e flashes. "Há um grande contentamento com o resultado, mas não há um enbandeirar em arco, que não se justificaria" - afirma João de Deus Pinheiro, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros de Cavaco Silva, para quem o Professor é um justo vencedor. "O Professor Cavaco Silva é claramente o homem da estabilidade, mas também é o homem do rigor, da exigência, da honestidade. Eu julgo que foi isso que o povo disse nestas eleições, numa forma clara e nítida. Relativamente à campanha em si, é evidente que os candidatos que tiveram comportamentos mais agressivos foram penalizados." Também Joaquim Ferreira do Amaral, antigo ministro das Obras Públicas do Professor, se mostrou disponível para cedo expressar o seu contentamento: "O meu grande alívio e a mainha grande satisfação foi ele ter decidido candidatar-se. Isso deu uma esperança nova ao país."

21h00 horas. As sondagens anunciam o crescimento da percentagem de Manuel Alegre e o decréscimo de Cavaco Silva. Mais do que toda a Esquerda junta, a candidatura recebe a passagem do candidato poeta à segunda volta. E voltam as dúvidas e os nervosismos.

Os candidatos derrotados assumem o seu fracasso. O velho leão Mário Soares aparece ferido em combate ao país e é saudado com aplausos quando anuncia que deu já os parabéns a Cavaco Silva. Faltam cerca de 200 Freguesias. Aproximan-

do-se as 22h00. Os cinzeiros começam a transbordar com pontas de cigarros, o WC está extremamente concorrido, jornalistas e apoiantes passam pelo bar para aconchegar o estômago. Prevê-se uma noite longa.

Cá fora, um elemento do "staff" distribui molhos de bandeiras

"O Professor é claramente o homem da estabilidade, mas também o homem do rigor"

ras em redor das árvores para quem quiser levar, enquanto numa carrinha anónima saem braços de bandeiras do PSD. "Cuidado com as pessoas!" - adverte a mãe de uma criança

que, embalada pela voz de Kátia Guerreiro, agita furiosamente uma bandeira.

51,1%. João Bosco Mota Amaral, antigo Presidente da Assembleia da República e eterno rosto do PSD-Açores, não encontra melhor forma para comentar o resultado senão citar o ditado popular: "A verdade é como o azeite, vem sempre ao de cima."

A Mandatária Nacional para a Juventude, e voz do Hino "Portugal Maior", é recebida com aplausos ensurdecedores, abafando, assim, o discurso de Jerónimo de Sousa, entretanto cortado pela saída, em directo, de Cavaco Silva de sua casa.

50, 6%. A palavra de ordem é assegurar um lugar onde se possa estar o mais perto possível do Presidente eleito. Lá fora já se encontra um mar de gente.

No Pequeno Auditório está tudo a postos, enquanto num gabinete próprio Cavaco Silva se encontra com a sua equipa. Os jornalistas vão chegando, bem como alguns convidados. Alguns seguranças saem por

de trás do pano e certificam-se de que nenhum pormenor está em falta. José Ribeiro e Castro, presidente do CDS-PP, assoma à entrada da sala, para logo se dirigir ao Átrio Principal onde cumprimentará Cavaco.

O silêncio é religioso, a expectativa cresce entre os presentes. Finalmente o pano abre-se mostrando um púlpito simples, fundeado por dez Bandeiras Nacionais com um Azul Marinho como fundo. De um dos lados do palco, magnificamente iluminado, saem Kátia Guerreiro, Alexandre Relvas e João Lobo Antunes, respectivamente, Mandatária para a Juventude, Director de Campanha e Mandatário Nacional, que tomam lugar mesmo em frente do púlpito. Do lado oposto, numa sincronia matemática, sai Aníbal Cavaco Silva acompanhado por Maria, companheira de uma vida a quem dedicou a sua Autobiografia Política.

Calmo, sereno, sem uma perturbação, o eminente Professor de Economia fez um balanço da

sua eleição. Agradeceu, apelou, emocionou-se, e assumiu-se como o Presidente de todos os portugueses, mesmo aqueles que não votaram nele.

Num frenesim inquietante, jornalistas, apoiantes, seguranças e todo o "staff" correm para o Átrio Principal, neste momento completamente repleto e exultante.

Cá fora, os dois ecrãs mostram o segundo discurso da noite, e com uma precisão magistral, é desenrolada uma enorme Bandeira Nacional da varanda do CCB. O Presidente eleito saúda os seus portugueses. Num júbilo exultante, a multidão agita energicamente as bandeiras. O Hino "Portugal Maior" ressoa pelo ar.

Dez anos depois de perder a Presidência para Jorge Sampaio, e após um ataque cerrado dos seus adversários, Aníbal António Cavaco Silva, filho do Teodoro de Boliqueime, foi eleito Presidente da República Portuguesa, com 50, 6 % dos votos, contra seis candidatos da Esquerda.

JOÃO PEREIRA



Bastidores. Dezenas de convidados, mais de cinquenta jornalistas, "staff" e seguranças num espaço de acesso controlado

“Aceito a vontade do povo português”

“Eu aceito a vontade do povo português e desejo àquele que for o vencedor a melhor sorte, porque a melhor sorte do presidente eleito será a melhor sorte de Portugal”. Esta foi uma das declarações feitas por Mário Soares, quando se deslocou à ESTA. Decorria a campanha eleitoral. Soares era candidato a Presidente da República, apoiado pelo PS.

Após uma curta visita ao comércio tradicional abrantino, acompanhado pelo presidente

da Câmara Municipal de Abrantes, Nélson de Carvalho, e por Jorge Lação, presidente da Assembleia Municipal, Mário Soares cumprimentou alguns transeuntes e apelou a ida às urnas. Entre cumprimentos garantiu a alguém que o interpelou: “Se vou ganhar? Não tenha dúvidas! Eu não tenho dúvidas”.

O então candidato às eleições presidenciais foi recebido no átrio da ESTA pela ESTATuna, onde o mar de gente contrastava

com as poucas dezenas que o apoiaram nas ruas. Algures no meio da multidão alguém refere: “Até parece que já ganhou...”

Este foi o ambiente que se viveu na ESTA, eufórica com a visita do candidato, onde este iria fazer uma conferência sobre o tema «Cidadania e República». No entanto, Mário Soares preferiu simplesmente conversar com os alunos. “Não quero falar sobre a cidadania, quero falar com vocês, num tom mais

informal” – referiu, enquanto descia da mesa e se dirigia a plateia. “Não quero fazer um discurso, mas criar um espaço de interactividade, porque sou um ‘ouvador’. E se for Presidente da República serei um ‘ouvador’ do povo português, e darei voz àqueles que não a têm. Às minorias éticas, sexuais e também políticas” – afirmou Mário Soares de microfone em punho.

Entre muitas críticas à comunicação social, aproveitando a

presença destes e o facto de na ESTA se ministrar o curso de Comunicação Social, Soares alertou para os perigos da imparcialidade. “Toda a gente tem direito a opinião, mas quando se dá informação tem que ser imparcial, senão deixa de haver liberdade de informação”, alertou.

Ao longo do debate reafirmou algumas das suas convicções, esclareceu por que se candidatou e, entre as respostas dadas às questões que os alunos lhe

colocaram, afirmou que “até ao lavar dos cestos é vindima”. O candidato deixou claras as suas expectativas: “Vamos ver o que nos diz o dia 22 de Janeiro. Eu estou confiante”.

Em entrevista ao ESTA Jornal, Mário Soares deixou um conselho aos alunos da ESTA: “Aproveitem a oportunidade, estão numa escola de alta tecnologia. É uma oportunidade para vocês aumentarem os vossos conhecimentos e o conhecimento da tecnologia e isso é fundamental para o vosso futuro e para o futuro de Portugal”.

SANDRA FERNANDES

“Os votos da esquerda não diminuem, somam”

CHARLENE IZAQUE

Manuel Alegre, candidato ao cargo de Presidente da República, contou com uma sede de campanha bastante preenchida, agitada e expectante. A palavra de ordem ecoava: “Viva Manuel Alegre!”

Os jornalistas e apoiantes distribuíam-se por várias salas e a conversa repetia-se: “Será que Alegre consegue a segunda volta?”. Alguns apoiantes chegavam mesmo a fazer ouvir as suas expectativas: “Manuel Alegre não pode morrer na praia”. O tempo passava e a ansiedade era notória, sobrando espaço para apostas que emergiam entre jornalistas. A comunicação estava atenta e pronta para qualquer resultado ou acontecimento anunciado. Suo um falso alarme: “Alegre vai à segunda volta!!!” O entusiástico grito que despertou a atenção de fotógrafos e televisões foi abafado e deu novamente lugar à espera.

A prolongada espera foi interrompida pelas palavras de Luís Moita, membro da Comissão Política, que deixa um alerta: “Alguns são tentados a fazer uma leitura destas eleições, no sentido de que a divisão da esquerda facilitou a candidatura



da direita. Mas como Manuel Alegre disse ao longo de sua campanha, os votos da esquerda não diminuem, somam. No ar ficou o desejo de todos os apoiantes, no sentido de que as sementes lançadas por Alegre não se desvançam.

As esperanças eram variadas. Ânimo e tristeza, estavam de mãos dadas. Uns acreditavam na segunda volta, outros pareciam estar conformados com a possibilidade da vitória de Cavaco Silva. Os semblantes dos apoiantes modificaram-se, face à notícia definitiva.

O candidato fez um discurso quase poético, que foi recebido

do calorosamente. Agradeceu aos seus apoiantes o milhão de votos que conseguiu. Dirigiu-se em especial aos jovens que participaram na sua campanha: “Espero que sejam capazes de continuar este combate, contra o desânimo e descrença. Espero que contribuam para o renascer de um Portugal mais justo e livre”. Manuel Alegre finalizou, deixando a certeza que este não seria o seu último combate, por Portugal: “Estarei sempre disponível para dar voz à cidadania e para participar em novos combates e em novas causas. Viva à República! Viva a Portugal!”

CHARLENE IZAQUE

“Louçã, estamos cá amanhã”

O Fórum de Lisboa acolheu os apoiantes de Francisco Louçã na noite de eleições presidenciais. Num ambiente calmo, que fazia lembrar um café, todos conversavam, e esperavam ansiosamente pelos primeiros resultados da noite. A sala estava quase vazia. Mas com o passar do tempo vai-se compondo e muitos jovens enchem-na de esperança.

Com a hora a chegar, a azáfama aumentava, as pessoas movimentavam-se e a ânsia dominava. Ao longe ouve-se um “yes”. Uma senhora entrou na sala e gritou: “Manuel Alegre conseguiu mais votos”. Estas eram as reacções iniciais.

As primeiras declarações da noite foram proferidas pelo professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, José Manuel Pureza: “A candidatura combativa

de Francisco Louçã, apresentando ideias muito concretas, contribuiu decisivamente para a mobilização do eleitorado de esquerda”.

À medida que o tempo passava, os nervos aumentavam. Eis que surge no ecrã plasma os resultados das freguesias apuradas até então. A sala co-

CATARINA VÉSTIA



meça a gritar “Baixa, Baixa”. Cavaco Silva tinha então 50,9%. A segunda volta ainda era possível.

Os resultados já ditavam a eleição à primeira volta. Na sala instala-se o silêncio. Todos olham para o plasma onde Mário Soares discursava. A noite estava decidida.

É chegado, então, o momento mais esperado da noite. Francisco Louçã surge. Todos gritam por ele. É recebido com um enorme carinho. As emoções fervilham. O candidato não consegue esconder a sua emoção perante uma sala, que agora já estava cheia, e que gritava o seu nome incessantemente. A meio do discurso é interrompido. A sala grita: “Francisco Louçã estamos cá amanhã”. Os seus olhos brilham. A batalha está perdida: “Assumo a derrota”.

CATARINA VÉSTIA

“Só é vencido quem desiste de lutar”

Afinal nem sempre a máxima “não há duas sem três” se cumpre. Na noite de 22 de Janeiro, Mário Soares escolheu o Hotel Altis para reagir aos resultados. A intenção era, pelo menos, levar Cavaco Silva à segunda volta.

O movimento que se verificava no hotel levava a supor que os apoiantes da candidatura já teriam a convicção de que o resultado não ia ser favorável. Faltavam as habituais manifestações de apoio.

Depois de as televisões apresentarem as primeiras projecções, começaram a chegar os convidados, que acabaram por encher por completo a sala de imprensa. Alguém afirmava: “Há uma sondagem que diz que Cavaco vai com 43% e Alegre com 22%”. Mais tarde, quando os resultados já davam mais do que certa a vitória de Cavaco à primeira volta, um outro convidado comentava: “Isto foi um mega-suicídio da esquerda”.

Com a chegada do candidato à sala de imprensa, eram notó-

rios alguns rostos emocionados. Nomeadamente o do filho, João Soares, que minutos antes, interpelado por um batalhão de jornalistas, reafirmava o seu apoio ao pai, realçando “a energia inquebrantável, a combatividade, a imaginação” e a “audácia”. “Como homem de esquerda”, garantiu que se Manuel Alegre passasse à segunda volta teria o seu apoio.

Entre o primeiro instante em que Mário Soares pisou o

DAYANA DELGADO



“Fizemos a nossa parte!”

PEDRO CANELAS NICOLAU

No início da noite eleitoral, a sala, onde se destacava uma fotografia gigante do comício de Jerónimo de Sousa no Pavilhão Atlântico, começava a ficar composta.

Os apoiantes da candidatura de Jerónimo de Sousa mostravam-se otimistas em relação aos resultados das eleições. Todos estavam confiantes que a direita não iria vencer logo na primeira volta. Mário Peixoto, dirigente da JCP, estava “confiante no contributo que a candidatura de Jerónimo de Sousa pode dar para a derrota do candidato da direita”.

Assim que foram reveladas as primeiras sondagens, que davam a vitória a Cavaco Silva com maioria absoluta, a sala ficou em completo silêncio. “Ainda podemos forçar a segunda volta” - dizia Arménio Alexandre, militante do PCP, esperançado nos resultados dos grandes centros urbanos.

Mais realista, Vítor Rodrigues, outro rosto da candidatura, salientava o “resultado fabuloso da candidatura de Jerónimo de



Sousa”. E acrescentava que a vitória da direita ficou a dever-se essencialmente “à confusão dentro do PS e não à mobilização da esquerda, porque essa não falhou, nomeadamente dentro do PCP”.

À medida que se tornava cada vez mais evidente a vitória de Cavaco Silva os apoiantes de Jerónimo de Sousa começavam a procurar os responsáveis: “A culpa foi do PS”.

Seguiu-se a Conferência de Imprensa marcada pela entrada de rompante de Francisco

espaço, até começar a sua intervenção, passaram cerca de dez minutos. O tempo que muitos dos presentes levaram a mostrar o seu afecto. E não se cansaram de exclamar em uma só voz: “Soares é fixe”.

Ao usar da palavra, Soares evidenciou a sua candidatura “como uma referência cívica para o futuro”. Pós a tónica na “defesa de grandes causas” e na advertência “contra novos perigos”. O candidato assumiu a derrota e fez questão de não a minimizar. Mário Soares arrebatou aplausos entusiásticos dos convidados quando declarou que “só é vencido quem desiste de lutar”. JEFFERSON GOMES

A “democracia de opereta”

A pequena sala estava repleta de cartazes que manifestavam um ideal: “Coragem de Mudar o Rumo”. Os apoiantes de Garcia Pereira quase não se notavam. Entre jornalistas e familiares do candidato, o ambiente era de espera. Todos aguardavam ansiosamente a chegada do candidato. As três

televisões marcavam presença numa noite que se pensava ser de resultados e não de atribuições.

Garcia Pereira começou por saudar os seus militantes. O candidato reiterou o seu profundo descontentamento face à postura assumida, segundo ele, pelas várias cadeias

de televisão, atribuindo-lhes uma responsabilidade cívica no que diz respeito ao critério de divulgação das diferentes campanhas eleitorais. Tal descontentamento deu lugar, em jeito de graça, a uma sessão de atribuição de prémios. Os órgãos de comunicação social foram contemplados com o

DANIEL MEIRELES



“Prémio Limão”. Segundo Garcia Pereira, tal reconhecimento deveu-se a uma atitude anti-democrática e de desigualdade no tratamento das diferentes candidaturas. O representante do PCTP-MRPP usou como palavras de ordem “discriminação”, “censura” e “arrogância”. Para Garcia Pereira, os órgãos de comunicação social teimam em construir uma “democracia de opereta”.

Garcia Pereira não se mostrou surpreendido com os resultados. Vai continuar a defender os seus processos contra as injustiças e o contra o protagonismo. Embora só tenha obtido 0,4% dos votos dos portugueses, considera que o líder do PSD ao longo da sua campanha nunca se definiu. Garcia Pereira antevê tempos difíceis de uma democracia musculada e formal para Portugal.

EUNICE PINTO E DANIEL MEIRELES

Novas apostas na imprensa regional

[POR CLÁUDIO MONTEIRO E TÂNIA PISSARRA]

Quatro jornais regionais mudaram de administração e de direcção nos últimos tempos. As propostas foram postas na mesa e as alterações são visíveis nas manchetes. “Primeira Linha”, “Gazeta do Tejo”, “A barca” e o “Novo Almourol” não quiseram parar no tempo e prometem caminhar lado a lado com a evolução das gentes desta região. As pessoas a quem se dirigem são o que os move, quer tenham preocupações de fazer um jornalismo sério, isento de questões político-partidárias, quer tenham simplesmente vontade de fazer um bom produto cultural. Com mais ou com menos profissionais, com mais ou com menos exemplares vendidos, estes quatro títulos começam a marcar a diferença na região. As mudanças no grafismo são o primeiro sinal, mas há mais. Aposta-se, nomeadamente, em registos pouco generalizados na imprensa regional, como é o caso da reportagem.

► Abarca

“COM MAIS PROFUNDIDADE”



A história do barqueiro de Tramagal encheu a zona do Tejo de paixões... A barca foi, em tempos, a única forma de comunicação entre as populações, andando de margem em margem e de sol a sol... “Abarca” saiu do rio e todos os meses ganha vida pelas mãos de três jornalistas: “Quando se tem um sonho é possível pô-lo em prática!” Patrícia Fonseca e Henrique Botequilha, jornalistas da Visão, são também directores e proprietários d’ “Abarca”. Mário Rui Fonseca, jornalista da Rádio Tágide, é o chefe de redacção.

A nova administração e direcção do jornal soltou a âncora e remou de encontro a uma publicação diferente: “O jornal tem 15 anos e precisava de algumas mudanças radicais”. Patrícia Fonseca explica que o objectivo é, por um lado, conquistar os jovens. Por outro lado, “Abarca” espera chegar a “uma população mais exigente, que gosta de um jornal com mais profundidade!”

Patrícia Fonseca e Henrique Botequilha são jornalistas da Visão e Mário Rui Fonseca da Rádio Tágide: “Todos nós mantemos os nossos empregos; este acaba por ser um segundo trabalho que veio ocupar as nossas horas vagas”.

Embarcar neste jornal implicou, pelo menos, uma mudança fundamental, pouco generalizada na imprensa regional: “Ter um director comercial, porque considerámos fundamental separar a parte comercial da parte editorial.” Quanto aos conteúdos, a reportagem é uma das grandes apostas destes profissionais da comunicação: “Verificámos que não era comum o uso da reportagem na imprensa regional!”

Os objectivos da “mulher do leme” deste jornal passam também pela construção de um site: “Por enquanto só temos uma

página on-line de apresentação da equipa do jornal, porque desenhar e manter um site actualizado fica muito caro!” Navegar nas águas do jornalismo regional implica saber onde se encontram remoinhos. Patrícia Fonseca considera que a falta de proactividade na imprensa “não é só um problema a nível regional, mas também nacional”. A directora d’ “Abarca” defende um jornalismo de proximidade, desenvolvido no terreno: “Os jornalistas deviam sair mais para a rua, procurar as notícias e não esperar que estas lhes caíam na secretária.”

O olhar da directora cruza-se com “Abarca” e o sorriso, ainda de menina, irradia, falando do seu jornal e da sua terra (Tra-

magal) com vontade de fazer mais e melhor: “O jornal regional é necessário para que as pessoas possam estar em contacto com a sua terra, e acredito que as histórias de sucesso que contamos no jornal podem também contribuir para elevar a auto-estima das pessoas da região.”

Para chegar a outras margens, este jornal conta já com mais cronistas, um cartoonista, entre outros. Patrícia Fonseca considera que se o vento os está a levar para boas marés, também o devem a colaboradores seus amigos: “Trabalham para nós sem serem remunerados; só com este unir de boa-vontade é que se consegue manter o jornal!”

Fundação do jornal: Janeiro de 1991

Número de administrações: Duas

Número de direcções: Duas

Estatuto Editorial: Sim

Localização: Rua das Flores, Nº 16
Tramagal

Público alvo: Público em geral

Número assinantes: 1600

Tiragem: 2000

Zona de distribuição: Abrantes, Constância, Gavião, Sardoal e Vila Nova da Barquinha

Periodicidade: Mensal

Número de Jornalistas: 3

Número de Colaboradores: 4

Actual administração: Patrícia Fonseca, Henrique Botequilha e Mário Rui Fonseca

Actual director: Patrícia Fonseca

Preço: 1,00 €



Patrícia Fonseca e a equipa que, mensalmente, faz “Abarca”

► Primeira Linha

“AS PESSOAS MERECEM”



As escadas de madeira não deixam mentir... o tempo deixa marcas de um trabalho, de uma luta. O “Primeira Linha” foi fundado há oito anos. Guiomar Rodrigues dos Santos e Maria da Luz Pinheiro ocupam agora as cadeiras onde a responsabilidade se faz sentir. Ao som de música e com as secretárias “à pinha” com trabalho de casa, falam do desafio de administrar o seu jornal regional: “Houve quem pensasse e dissesse que nós nunca iríamos levar este projecto avante”.

Esta nova administração chegou ao “Primeira Linha” por escassez de tempo da anterior. Quinze mil euros foi o montante necessário para comprar o título, mas as novas proprietárias não esperam retorno desse capital: “Estamos a investir mais por Abrantes, porque as pessoas merecem.” Os sonhos são fruto de luta e da vontade de vencer e o “Primeira Linha” agarrou o sonho. Apesar das despesas e das dificuldades, tem vindo a

conquistar o seu espaço na imprensa regional: “A gráfica e os correios são as maiores despesas do nosso jornal!”

Conotado desde a sua fundação como “o jornal do Partido Social-Democrata (PSD)”, um dos grandes objectivos das “Filhas do Tejo” é limpar essa imagem: “Um dos elementos da anterior direcção era das listas desse partido e foi candidato à Câmara, portanto é muito difícil desligar isso do jornal. Mas queremos a todo o custo que isso aconteça. Nenhuma de nós é filiada em nenhum partido.” Este jornal, ainda prematuro nas mãos destas duas senhoras, vai sendo traçado à medida que o futuro se adivinha: “Temos como objectivo ter quatro páginas de desporto.”

No corredor ouvem-se os passos frenéticos para o fecho da edição que os aguarda



Rolando Silva

da pela noite dentro. Na sala de redacção, o responsável pela mudança de grafismo do jornal, Liliano Pucarinho, aluno da ESTA, diz: “A capa foi a mudança mais significativa, o Jornal está muito mais apelativo, pretendo chegar a um público jovem”.

“A barba de neve” do director do jornal, Rolando Silva, revela experiência e sabedoria. O responsável pelos conteúdos do “Primeira Linha” já desempenhava as funções de director com o anterior proprietário do título. A opinião de Rolando Silva sobre a imprensa regional não deixa margem para dúvidas: “Tem de ser aberta, pluralista”. Quanto à quantidade de jornais na região, defende que a concorrência é saudável: “Dá-nos mais força para conseguirmos fazer melhor e estarmos sempre na primeira linha!”

Fundação do Jornal: 6 de Novembro de 1997

Número de administrações: Duas

Número de direcções: Duas

Estatuto Editorial: Sim

Localização: Praça da República, Abrantes

Público alvo: População em geral

Número de assinantes: 1800

Tiragem: 4.000

Zona de distribuição: Abrantes, Constância, Sardoal, Mação, Gavião, Vila de Rei.

Periodicidade: Semanal

Número de jornalistas: 3

Número de Colaboradores: 14

Actual administração: Guiomar Rodrigues dos Santos e Maria da Luz Pinheiro

Actual director: Rolando Silva

Preço: 0,65 €

► Gazeta do Tejo

“UM JORNAL INDEPENDENTE”



O centro histórico da cidade de Abrantes leva-nos para uma cidade medieval, onde se adivinham poetas, pintores... Os anos passaram e a revolução tecnológica, para além de nos consumir até às entranhas, permitiu-nos comunicar mais e melhor! Bate-se à porta. A cor verde, envelhecida, e a arquitectura do prédio centenário e aconchegante vão ganhando forma à medida que se percorre cada canto com o olhar... É a nova sede do “Gazeta do Tejo”.

“Margarida Trincão, está?” Jornalista há 26 anos, com um curriculum vasto onde se inclui o “Jornal de Letras”, o “Jornal de Educação” e o “Mirante”, é a nova directora do “Gazeta do Tejo”. E é com emoção que diz: “Gosto de estar na imprensa regional!” A sua simpatia e simplicidade são o “portal” para o “mundo” deste jornal.

As mudanças com esta nova direcção começaram pelo grafismo. “Tentou

fazer-se um projecto profissionalizado, um logotipo mais presente, com um grande cuidado de imagem e ganhámos mais assinantes” – explica Margarida Trincão. A região ribeirinha é a zona de influência deste jornal e o investimento para cobrir esta área faz-se sentir todos os dias: “O retorno vem da publicidade e da aceitação que um jornal possa ter na comunidade”.

Traçam-se objectivos na secretária por onde a vida da região pulsa a cada momento e por onde se descobrem novos viveres... O cinzeiro cheio de cigarros deixados a meio regista o tempo que se perde no empenho, o trabalho que prende e que não deixa arrastar o cansaço! Ainda um jornal bimensal com pretensões de ser semanal, Margarida



Margarida Trincão

Trincão assegura que se vai fazendo um jornalismo profissional na imprensa regional: “Está melhor agora do que estava há 10 ou 12 anos atrás. Neste momento, há bons jornais e bons jornalistas regionais.”

As conotações partidárias pesam sobre muitos títulos da imprensa regional. O “Gazeta do Tejo” não é excepção, sobretudo porque pertence a duas pessoas com claras ligações ao Partido Socialista (PS): “Um é vice-presidente (da Câmara) e o outro presidente da Assembleia Municipal de Abrantes, e todas as pessoas sabem que é um dos homens do Partido Socialista”. A directora do jornal explica que “é por aí que vem a conotação”. Segue-se um desabafo e uma garantia: “É muito grave um jornal ser veículo partidário; este é um jornal independente”.

Fundação do jornal: Janeiro de 1995

Número de administrações: Duas

Número de direcções: Três

Estatuto Editorial: Sim

Localização: Rua Infante D. Henrique N°10, Abrantes

Público alvo: População em geral

Número assinantes: 1.500

Tiragem: 2.500

Zona de distribuição: Abrantes, Ponte de Sôr, Sardoal, Golegã, Barquinha, Mouriscas, Mação, Gavião, Vila de Rei, Constância, Proença a Nova.

Periodicidade: Bimensal

Número de Jornalistas: 4

Número de Colaboradores: 11

Actual administração: António Lucas Gomes Mor e Albano da Conceição Pereira dos Santos

Actual director: Margarida Trincão

Preço: 0,60 €

► Novo Almourol

“MUITOS ASSINANTES ESTÃO NO ESTRANGEIRO”



Das ameias do castelo de Almourol avista-se uma das mais belas paisagens do distrito de Santarém... as águas do rio nadam à sua volta e guardam mil e uma histórias. O ex-libris da Barquinha vai dando nome a outros valores desta terra. O jornal “Novo Almourol” é um dos catalizadores que vai mantendo viva a cultura destas gentes, dentro do coração daqueles que estão longe da sua terra: “Muitos assinantes estão no estrangeiro e esta é uma maneira de saberem o que se passa na terra onde nasceram”.

Anteriormente pertencente à Câmara Municipal da Barquinha (CMB), este jornal foi recentemente oferecido ao Centro de Interpretação de Arqueologia do Alto Ribatejo (CIAR): “O jornal veio parar às nossas mãos, não por nossa iniciativa, foi-nos oferecido pela Câmara”. Percorrendo apenas meia dúzia de pedras de calçada, “O Almourol” mudou de instituição e tornou-se no “Novo Almourol”, mantendo como directora Maria de Lurdes Gil Jesuino. Não houve, portanto, uma ruptura

total com o anterior administração do jornal. Aliás, a Câmara continua a ter a sua presença no corpo do jornal, sendo responsável por duas páginas de cada edição.

Luíz Osterbeek, José Gomes e Cidália Delgado, todos da área da Arqueologia, andam não só a rebuscar os nossos antepassados nas antas e no solo, como também nas palavras, nos testemunhos de quem passa pela terra. Estes arqueólogos são agora os responsáveis pela edição mensal deste jornal: “As pessoas que escrevem são sobretudo da área da Arqueologia, são voluntários não remunerados”.

As dificuldades de gerir um jornal são maiores quando a experiência na área não é muita e quando faltam orientações concretas sobre o que se pretende ser: “Este jornal não tinha uma reflexão teórica sobre como se deve fazer um jornal, foi-se construindo”. Prova disso é que ainda não tem, por exemplo, um estatuto editorial.

Mas no edifício do CIAR, onde os vestígios dos nossos antepassados ocupam o “papel” principal, o “Novo Almourol” já tem o seu cantinho, ganhando cada vez mais importância. O próximo mês vai ficar associado a novos passos dados pelo “Novo Almourol”. Os desenvolvimentos passam pela proposta, a outras instituições para além da Câmara da Barquinha, no sentido de colaborarem directamente.

O futuro do “Novo Almourol” adivinha-se promissor, sobretudo porque a formação dos seus novos responsáveis vai necessariamente reflectir-se nas suas páginas. O CIAR quer que o “Novo Almourol” seja um jornal muito voltado para as questões culturais, sem perder a orientação local que tem tido até agora, e com a qual os seus leitores se identificam. Nos projectos a curto prazo inclui-se também uma reformulação gráfica. Mas mais importante parece ser o contexto em que se encontra: é abraçado com carinho por pessoas que têm vontade de o ver crescer.

Fundação do jornal: 1981

Número de administrações: Duas

Número de direcções: Duas

Estatuto Editorial: Não

Localização: Largo do Chafariz, 3 Vila Nova da Barquinha

Público alvo: Público em geral

Número assinantes: 750

Tiragem: 1.100

Zona de distribuição: Concelho Vila Nova da Barquinha

Periodicidade: Mensal

Número de Jornalistas: 0

Número de Colaboradores: 9

Actual administração: CIAR (Centro de Interpretação de Arqueologia do Alto Ribatejo)

Actual director: Maria de Lurdes Gil Jesuino

Preço: 0,50 €

I As novas tecnologias são ensinadas aos mais idosos, em Abrantes

Uma “Pirâmide Mágica” de conhecimento

NELLY CAETANO
E RAFAELA SANTOS

São 10h00 e as formadoras Margarida Cardoso e Cristina Madrinha começam a receber os primeiros alunos. São jovens estudantes de muita idade, pessoas cuja vida já vai longa e que merecem o reconhecimento de todos pela coragem que demonstram e pela sede de conhecimento que acumulam. São homens e mulheres com idade acima dos 67 anos. Cabelos brancos, olhos brilhantes e rostos que transmitem o enorme conhecimento da vida.

Chegam cedo, uns no próprio carro, outros de boleia e outros a pé, aproveitando o ar fresco da manhã. Chegam com um sorriso, que se mantém até a aula acabar. Um pequeno convívio antecede a entrada para a sala, onde minutos depois aprenderão mais uma pequena magia do mundo das tecnologias.

Um computador, antes um “bicho” estranho e com vontade própria, é agora um aliado. Facilita tarefas e tem o dom de arrancar gargalhadas aos alunos.

A aula começa. Os alunos sentam-se em frente ao computador do costume. A primeira ordem do dia, dada pela formadora Margarida, é a de procurar as pastas de cada um para abrir o documento da aula anterior. “Não são os documentos da carteira!”, explica Margarida à D. Gracinda, já a abrir a carteira prestes a tirar um qualquer cartão de identificação.

Numa outra parte da sala estão a D. Ilda e a D. Lina. Boa disposição é com elas. “Eu sou a mais velha do grupo”. Enquanto D. Lina reclama para si o título de mais idosa da sala, os colegas continuam compenetrados na tarefa do dia. Um deles é o Sr. Virgílio, que, bastante concentrado, partilha o computador com a esposa.

Uns vão acabando o exercício de word da aula anterior, outros iniciam já uma grande viagem pela internet, abrindo portas que julgaram jamais existir. O Sr. Lourenço aventura-se à procura de informação. Começa pelo popular motor de busca Google, sendo seguido pelos colegas.

Todos reconhecem a importância de saber trabalhar com estas novas tecnologias, e é o Sr. Virgílio quem dá voz a isso mesmo: “Não sou completamente analfabeto nisto. Quem hoje não souber trabalhar com os computadores é que é quase analfabeto.”

Nisto chega a D. Alda, já a lição do dia tinha começado. Atrapalhada com o seu deslize no tempo, acaba por nos confidenciar: “Ai que desgosto que eu tive em vir atrasada!”. D. Alda tem já 71 anos e diz-se “encantada da vida” com as aulas de informática. “Isto é uma maravilha!”, confessa enquanto nos pisca o olho, sempre divertida. Em tempos tentou

RAFAELA SANTOS



Novidade. Os computadores, que antes eram apenas “bichos”, são agora vistos pelos idosos como aliados

*D. Alda,
de 71 anos, está
“encantada da vida”
com as aulas de
informática*

entrar para os Correios, depois de concluir o 2º ano no Liceu Nacional de Santarém. Mas após passar pela inspeção médica, a entrada para os CTT foi-lhe vedada: “Porque tenho um pequeno defeito na mão, chumbaram-me, aqueles malvados dos salazaristas”.

“Agora vamos à internet”, informa Margarida. “Ai Jesus!”, diz uma voz ao fundo, impossível de identificar.

“A internet é um mundo do bom e do mau”, desabafa a D. Alda, com os seus colegas a acenarem positivamente com a cabeça. Enquanto se continua a lamentar pelo atraso, D. Alda é interrompida por Cristina, que a ensina a pesquisar no Google. “Isto é muito divertido”, reconhece.

“Está meia hora a pensar”, diz ao fundo o impaciente Sr. António, referindo-se ao computador. Tudo porque não consegue entrar no site pretendido.

Entretanto as formadoras vão percorrendo a sala. O ensino é feito “porta a porta”, a cada aluno individualmente. São muito solicitadas, é verdade, mas o sorriso nunca se apaga nas suas caras. A simpatia e a paciência são, sem dúvida, duas características destas senhoras.

A relação entre formador e formando é muito próxima, é uma

relação de cumplicidade e admiração. A formadora não só esclarece dúvidas, como é também uma ouvinte de angústias pessoais, de problemas, de doenças que afectam um ou outro estudante. Ambos têm a aprender: as formadoras ensinam conhecimentos de informática e os alunos transmitem conhecimentos de vida. Todos aprendem, no final.

A pesquisa na internet prossegue. “Saúde”, procura D. Hermínia enquanto a colega do lado vai consultando jornais e instituições de ensino. “Eu não tenho diabetes, o meu marido é que tem” – desabafa D. Hermínia ao mesmo tempo que lê algumas informações sobre a doença num site dedicado inteiramente à saúde. “Como perder peso”, é o que se segue à diabetes. “Isto é como escolher uma doença num catálogo”. Menos preocupado

com as doenças está o Dr. Farinha, que opta por procurar informações sobre a terceira idade. “Escrevo ‘terceira idade’ e aparece uma lista de coisas”.

A hora de almoço já está perto e todos parecem ter combinado a próxima pesquisa a fazer: “Doces regionais”. Começa então uma verdadeira discussão culinária entre os alunos, com as formadoras, cúmplices, a sorrir.

A aula termina com Margarida a fazer um resumo do que se pre-

*A meta é pôr os
alunos a fazer uma
página de internet
para a Universidade
da Terceira Idade*

tendia e do ponto em que os alunos estão. Já todos se entendem com a linguagem técnica da informática. Palavras como ‘cursor’, ‘site’ e ‘pastas’ já lhes são familiares.

A aula seguinte é ocupada com a elaboração de tabelas em word: pôr linhas, repetir palavras, sublinhar, colocar a bold. É com estas tarefas que se ocupam estes estudantes tão especiais. Por vezes surgem umas pequenas divergências com o material, mas tal como D. Hermínia reconhece, “o material tem sempre razão”.

Este é o caminho que desenvolvem até à meta final: fazer uma página de internet para a Universidade da Terceira Idade de Abrantes, instituição que todos frequentam.

A motivação para estes alunos aprenderem é imensa e a vontade é muito mais forte do que qualquer eventual problema que surja pelo caminho. A idade já é muita e alguns sentem que é pouco o tempo que lhes resta para aprenderem. É por isso que o aproveitam. E muito bem.

Formação à medida das necessidades

O Projecto Pirâmide Mágica surgiu de um protocolo entre a Escola Superior de Tecnologia de Abrantes, a Câmara Municipal de Abrantes e a Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação. Este projecto visa essencialmente o ensino das novas tecnologias aos idosos e tem duas componentes distintas, que se concretizam em dois grupos de formandos.

Um grupo é constituído por utentes de três lares da região (Santa Casa da Misericórdia de Abrantes, Lar de Dia de Alferrarede e Lar de Dia

do Pego). Nalguns casos, o essencial é mesmo aprender a ler e a escrever, e fazem-no através do computador. Esta formação, que começou em Outubro e termina no fim de Janeiro, envolve 30 idosos. O outro grupo forma-se por alunos da Universidade da Terceira Idade de Abrantes que já desenvolvem tarefas mais complexas, em programas como o word, excel, power point e internet explorer. Neste caso são 15 os alunos que frequentam as aulas de informática. A formação começou em Novembro e vai até Maio.



RAFAELA SANTOS

I Pedido de idosas da Atalaia continua por atender

Um Centro de Dia, por favor!

O simples facto de quererem um Centro de Dia para a Terceira Idade projectou um grupo de idosas da Atalaia para os órgãos de comunicação social nacionais. Nos noticiários televisivos mostraram como passam os dias e explicaram a necessidade que sentem. Passaram-se semanas. Está tudo na mesma.

VÂNIA PALMINHA

É em casa de Alda Rodrigues, na Rua da Senhora da Assunção, na Atalaia, que Maria Teresa Teodósio, juntamente com outras oito "jovens" senhoras na casa dos 70 e 80, se juntam quase todas as tardes. Fazem tricot, bordam, conversam, riem e esquecem o passar do tempo, um tempo que, muitas vezes, tende a ser solitário. "Cada uma faz o que sabe e passamos assim os nossos dias" - diz a proprietária da casa onde se reúnem.

São na sua maioria viúvas, reformadas do trabalho árduo do campo, têm filhos. Maria Teresa Teodósio explica que as suas vidas e as dos filhos, por muito ligadas que estejam, correm em espaços (e tempos) separados: "Eles estão na casa deles e eu estou

na minha". Mas a vontade de conviver e de passar o tempo com companhia faz com que lutem de modo a que se façam ouvir os seus pedidos.

É simples, querem apenas um Centro de Dia para a terceira idade. "Não era preciso grande coisa, nós fazíamos bem a festa, uma levava a telefonia e lá dançávamos e cantávamos!" Quem o diz, com uma simpática gargalhada, é Maria Teresa Teodósio, a "líder" deste movimento.

Decidiram juntar-se perto de uns lavadouros, onde antigamente se ia lavar a roupa, e aí se fizeram ouvir. A ideia seria deitar abaixo uma velha casa aí existente e construir uma de novo, visto que "há terreno suficiente para fazerem uma casa grande". Mas, infelizmente, o pequeno motim que as fez chegar à televisão não lhes valeu de muito. A "líder" conta que a Junta de Freguesia, quando

CATARINA MACHADO



Maria Teresa Teodósio. "Não era preciso grande coisa!"

soube das proporções que o protesto estava a tomar, "disse logo que eles há muito tempo que andam a dar essas voltas". O que é certo é que hoje as idosas ainda continuam a esperar por esse centro de dia que tarda em chegar.

É com tristeza que as idosas lembram que os esforços ainda não trouxeram a recompensa esperada

Não é a primeira vez que lhes prometem essa construção. Há já muitos anos atrás, ainda quando se faziam as tradicionais festas da Atalaia, em honra de Nossa Senhora

da Conceição, a Igreja pretendia que o dinheiro reunido servisse para a construção desse dito centro. O que aconteceu? "Fizeram obras na capela, mandaram restaurar o senhor Jesus e ficaram lá com ele!"

Parece que as movimentações das senhoras da Atalaia não resultaram. Não só não conseguiram que o seu pedido fosse ouvido, como também não houve qualquer resposta, nem por parte da Junta de Freguesia nem da Câmara Municipal.

É a Santa Casa da Misericórdia que tem de dar o maior apoio para questões desta dimensão. Mas a essa porta ainda não foram bater. "Ainda não fomos tratar, nem tão pouco tornámos a repetir" - diz Maria Teresa Teodósio com ar descontente, ao lembrar que os esforços ainda não lhes trouxeram qualquer recompensa.

Grupo de Teatro "Palha de Abrantes" edita livro

Em Março é lançado o livro do abrantino José Heleno, com edição do Grupo de Teatro Palha de Abrantes. Seguem-se as cenas do ensaio de uma das peças, "Antero de Quental", com estreia marcada para o dia 4 de Março.

ROSA MATOS

Existe há quase dez anos e, em tom de comemoração pelo aniversário, o Grupo de Teatro Palha de Abrantes fará a edição daquele que é o seu primeiro livro. Nesta obra serão publicadas três peças de teatro da autoria de José Manuel Heleno: "Mon Chéri", escrita propositadamente para o Grupo de Teatro Palha de Abrantes, "Antígona Revisitada" e "Antero de Quental", escritas para o Grupo de Teatro da Escola Secundária Dr. Solano de Abreu. O lançamento deste livro está previsto para o dia 3 de Março e, no dia seguinte, pelas 21h30 será a estreia do actual grande projecto do grupo de teatro, "Antero de Quental".

Além desta peça de José Heleno, o grupo de teatro está a preparar mais três: "O pedido de casamento" e "O urso", do autor russo Anton Tchekhov, e, ainda, "João e Guida", de Ilse Losa, uma peça infantil, representada também por crianças.

ROSA MATOS



Ensaio. Para além de actuar em Abrantes, o grupo leva teatro às freguesias do concelho

Com os textos ainda crus e, começando agora a encarnar os personagens, o ensaio do grupo de teatro decorreu num ambiente de confiança, à vontade e, nitidamente, de amizade entre os membros do grupo. "Eu estou cá há dois

dias e já me sinto à vontade" - conta Inês, de 11 anos, que representará o papel de viálctea nesta peça.

Durante o ensaio os actores vão seguindo as orientações da encenadora, Helena Bandos, que, democraticamente, aceita

as diversas opiniões do grupo. Os actores, de papel na mão, representam aos poucos até concluir a peça. Durante todo o ensaio imperou a boa disposição e, acima de tudo, o profissionalismo, embora se trate de um grupo de teatro amador.

Além do trabalho de palco, o grupo de teatro também tem uma vertente de formação de actores e de técnicos, através de ateliers, frequentados pelos membros do grupo e por quem quiser participar. São vários os workshops e ateliers que o "Palha de Abrantes" já realizou, desde colocação de voz, construção de personagem, de caracterização, de improvisação, até, aquela que é a aposta para este ano, a realização de cursos de luminotécnia.

O primeiro workshop de 2006 é de artes circenses, a realizar durante dois fins-de-semana, é uma parceria com o Centro Infantil e Juvenil da Santa Casa da Misericórdia de Abrantes, da qual resulta a participação das meninas da instituição.

Outro dos projectos do grupo, com envolvimento na comunidade abrantina, é a intervenção nas escolas do 1º ciclo do ensino básico, através da criação de ateliers destinados às crianças.

Representar no "Palha de Abrantes" é, em alguns casos, o despertar para a profissão de actor, como aconteceu a Francisco Goulão. Começou no grupo com nove anos de idade e, actualmente, está a estudar no Conservatório Nacional de Teatro, em Lisboa.

A Câmara Municipal de Abrantes é a entidade que mais apoia o Grupo de Teatro "Palha de Abrantes", tanto a nível de projectos como a nível financeiro. Cada peça, ao abrigo do protocolo estabelecido com a autarquia,

é representada em todo o concelho de Abrantes, pelo menos, seis vezes. O presidente da Associação Grupo de Teatro "Palha de Abrantes", Luís Antunes, esclarece que o "conjunto de actuações que fazem pelo concelho são representativas do papel que poucas associações em Abrantes têm, que é o de levar cultura directamente às aldeias e freguesias do concelho". "É bom levar um bocadinho de alegria àquelas pessoas", remata o presidente.

Luís Antunes refere que o grupo tem de desenvolver dois tipos de trabalhos de palco para que possam, assim, responder aos seus diversos públicos. "Por um lado, temos um público muito urbano e que é fiel às nossas peças, que nos acompanham desde o início. Um público que gosta de um teatro mais elaborado, mais rebuscado em termos de texto, de encenação, de construção de personagem e em termos artísticos. Por outro lado, também temos que responder a um público que gosta de um teatro com uma vertente de comédia".

Em termos de receptividade, o público é unânime. Todos demonstram uma enorme satisfação que se vê representada no número de espectadores. Com a "Sapateira Prodigiosa", de Frederico Garcia Lorca, o grupo atingiu os 2.000 espectadores. No dia da estreia, no Cine-Teatro S. Pedro, a lotação esgotou. Com "A menina feia", de Manuel F. Pressler, em todo o concelho, atingiram cerca de 1.600 espectadores.

ESTA tem novo homem ao leme

JEFFERSON GOMES

A ESTA começou 2006 com um novo director. Miguel Pinto dos Santos, docente das disciplinas de Economia e Sociologia Geral, é o novo homem do leme, substituindo Eugénio Pina de Almeida, nomeado vice-presidente do Instituto Politécnico de Tomar (IPT). O novo director recebe “uma escola com projectos”. Para ele, num estabelecimento de ensino superior, “a função nobre é ensinar e investigar, e não dirigir”.

O auditório da ESTA foi pequeno para acolher alunos, docentes e forças vivas locais, entre as quais o presidente da

fazer” (ver entrevista). Pires da Silva garantiu que a nova equipa “vai fazer da ESTA uma das grandes escolas do IPT”.

Na passagem do testemunho, Eugénio de Almeida expôs o trajecto percorrido durante estes seis anos à frente da ESTA, evidenciando projectos, parcerias e iniciativas. O crescimento é notório a todos os níveis, incluindo na contagem daqueles que fazem a instituição: “Éramos uma comunidade de 70 alunos, cinco professores e um funcionário”. Hoje a ESTA tem 407 alunos, 70 docentes e 12 funcionários. Aquele que foi o primeiro director da ESTA realizou o facto de este projecto ter sido bem sucedido por ter havido “pessoas determinadas”, nomeadamente o presidente da autarquia.

Eugénio de Almeida anunciou que Pinto dos Santos é merecedor do seu respeito, “como colega e cidadão”, mostrando-se certo de que a sua nomeação será uma “mais-valia para os desafios que se adivinham”. O ex-director da ESTA não conteve a emoção e interrompeu o discurso que trazia preparado, arrebatando palmas de uma plateia em pé e, ainda, algumas lágrimas.

Com a mudança na direcção da ESTA, adivinham-se alterações na forma de gestão. José Alves Jana, docente da instituição desde o seu início, acredita que o novo director será o homem forte onde estavam algumas das menores forças do Dr. Eugénio. E acrescenta que o anterior director, tendo sido “eficiente”, “não foi perfeito porque não existem homens perfeitos”. Mário Barros, que este ano lectivo iniciou a sua actividade como docente na ESTA, está certo de que o novo director “vai dar continuidade à dinâmica da escola porque tem uma visão estratégica e abrangente da realidade”. Já Sofia Mota, directora da Área de Línguas e docente de Francês, realça a personalidade “cartesiana” de Pinto dos Santos. Por ser “racional” será também capaz de resolver os problemas.

Quanto aos alunos, as opiniões oscilam. Daniela Areia, finalista de Comunicação Social, afirma que existe “um mito em torno de Pinto dos Santos” que espera ver “quebrado”. Concretizando, a aluna sublinha que “a imagem negativa” que o novo director tem junto dos alunos se deve, sobretudo, “ao insucesso na disciplina de Sociologia”. Apesar disso, Pérciles Silva, aluno do 3º ano de Engenharia de Gestão Industrial, considera que Pinto dos Santos é uma das pessoas mais indicadas para ocupar o cargo de director da ESTA, porque “tem atitude, garra e é simples”.



Câmara Municipal, Nelson de Carvalho, na cerimónia de tomada de posse do novo director. No acto, realizado a 4 de Janeiro, Pinto dos Santos sublinhou que “a ESTA será apenas aquilo que alunos e professores fizerem dela”.

Ao longo do seu discurso, o novo responsável traçou o percurso da escola, frisando que este estabelecimento de ensino “superou todas as expectativas nos últimos anos”. Quanto ao futuro, prometeu dar continuidade às parcerias estabelecidas pela ESTA com as forças vivas de Abrantes. Pinto dos Santos elogiou ainda o papel desempenhado do ex-director, Eugénio Pina de Almeida, pelo que conseguiu alcançar num curto período. Depois de citar “O Mostrengo”, de Fernando Pessoa, Pinto dos Santos apresentou-se como o novo “homem do leme”.

Por seu turno, o presidente do IPT, António Pires da Silva, assumiu a responsabilidade de ter nomeado Pinto dos Santos como director da ESTA. E apresentou dois motivos: por acreditar que é com homens com capacidade de gestão que a escola ultrapassará as dificuldades e por acreditar que é o “homem para dar continuidade à obra” do ex-director. O responsável máximo pelo IPT exigiu a Pinto dos Santos que “viesse a ser director da ESTA porque tinha autoridade moral para o

| ENTREVISTA | NOVO DIRECTOR DA ESTA, MIGUEL PINTO DOS SANTOS

“O objectivo é não gastar aquilo que são as

Miguel Pinto dos Santos é o novo director da ESTA. O desafio, daqui para a frente, é incessante, até então liderada por Eugénio Pina de Almeida, que passa a vice-presidente, “numa escola, o mais importante são os prof

BRUNO SOUSA RIBEIRO

O que é que, realmente, o levou a aceitar a nomeação para director da ESTA feita pelo presidente do IPT, António Pires da Silva?

Houve um grupo de professores que pediram para que o Dr. Pires da Silva se candidatasse à presidência do IPT, podendo este ficar, assim, nas mãos certas. Estando, eu, entre esse grupo, fiquei sem alternativa de dizer que não.

O alcance de um cargo desta natureza esteve sempre no seu horizonte?

Nunca esteve. Eu já fui administrador do IPT e deixei de o ser por vontade própria. Gosto mais de ensinar, de estudar e de investigar.

E se um dia o convidassem para se candidatar à presidência do IPT?

Nunca esteve nos meus horizontes. Há, em Portugal, a convicção que as tarefas mais importantes, de qualquer organização, são as da direcção e isso não é bem assim.

As direcções não têm todas o mesmo valor?

Há, de facto, organizações em que a direcção é importante e há outro tipo de organizações em que a direcção não é o mais importante. Por exemplo, o que é mais relevante num hospital são os médicos e enfermeiros. Também numa escola, o mais importante são os professores e os seus alunos. A função de um director ou presidente é aquilo a que se chama de “função logística” para, assim, fazer com que os professores possam levar a cabo a sua função.

Até aqui, apenas como docente da ESTA, que balanço faz da anterior direcção liderada por Eugénio Pina de Almeida?

Muito boa. Fez justamente aquilo que eu julgo ser exactamente necessário fazer-se. Ou seja, criar laços profundos entre a escola e as outras instituições da região: câmaras municipais, empresas, associações sem fins lucrativos e de solidariedade social, entre outras. É isso que pode manter, no futuro, o ensino superior nesta região. O Dr. Eugénio fez muito pela excelente relação que teve com a câmara, com a Nersant e pelos projectos que desenvolveu.

O que poderá fazer de diferente nos próximos anos?

Eu não vou fazer nada de muito de diferente. Eu vou continuar aquilo que o Dr. Eugénio fez, que é fazer o que for necessário para manter uma estratégia

FÁTIMA RODRIGUES



Pinto dos Santos. “Vou procurar manter uma ligação profunda da ESTA com o tecido

deste tipo. Vou procurar manter uma ligação profunda da ESTA com o tecido social na área em que está inserida, continuar a aproximar-me da Câmara Municipal, da Nersant, das empresas e orientar, nesse sentido, a evolução da ESTA.

tarefas impõem-se-nos. A primeira coisa que estamos a fazer é reorganizar os cursos no âmbito do Processo de Bolonha. A partir daí, temos uma série de projectos que vamos tentar levar a cabo.

Projectos que são as prioridades e os objectivos para os próximos anos...

Exactamente. Queremos remodelar já a biblioteca através de uma cooperação mais estreita com a biblioteca municipal. Recentemente, fizemos uma candidatura para a constituição de um centro de excelência no domínio da realidade virtual. Neste momento, a ESTA participa na implantação do sistema de wireless no hospital, mas temos, também, projectos com o Tecnopolo, com a Nersant e com a câmara, tudo para uma maior articulação com as empresas. Depois, há uma série de

“Queremos remodelar a biblioteca através de uma cooperação mais estreita com a biblioteca municipal”

Já pensou na primeira tarefa que querará ter?

Eu não preciso de pensar, porque as

O que pensa sobre?...

REGIONALIZAÇÃO

Estou mais de acordo com o conceito de descentralização do que propriamente o de regionalização.

ABORTO

Sou contra o aborto, mas não acho que as pessoas

que sejam a favor sejam criminosas. É uma matéria complexa em que as duas posições – a favor e contra – são admissíveis.

EUTANÁSIA

Sou contra.

CASAMENTO DE HOMOSSEXUAIS

Sou contra. Não que os homossexuais levem a vida como entendam, mas um casamento é, por definição, um acto de pessoas de sexo diferentes. Caso contrário é uma deturpação do termo.

PRO...

Também... razões... coisa... ou o... de en... relação... defor... uma

“Estaremos mais do que nossas receitas”

...te, é continuar o trabalho desenvolvido pela direcção presidente do Instituto Politécnico de Tomar. Para o novo professores e os seus alunos”.



...o social na área em que está inserida”

É-me indiferente. As matérias que dou, quer em Comunicação Social quer em Engenharia, são todas matérias de que gosto.

Se tivesse que apontar pontos fortes e pontos fracos a este estabelecimento de ensino, quais os mais relevantes no seu entender?

É um bocado difícil de responder, pois é uma das coisas que estamos a tentar fazer neste momento. Contudo, elejo como pontos fortes o corpo docente e a ligação muito forte que esta escola tem com a autarquia. Relativamente aos pontos fracos, aponto a diminuição do número de alunos, um problema que é de quase todas as escolas, e o facto de estarmos longe dos grandes centros.

Com poucos dias de chefia, e atendendo à crise que se verifica em quase todos os sectores de actividade, será necessário, nos próximos anos, uma contenção de despesas extraordinária?

Claro que vai ser necessário. Ainda não tenho neste momento o montante exacto do orçamento que vou dispor para este ano, mas vai ser dado dentro de poucos dias. Sei que a situação, em que nós estamos, pressupõe ser necessário fazer uma grande contenção orçamental. O objectivo é não gastarmos mais do que aquilo que são as nossas receitas.

Numa entrevista dada recentemente a um jornal local da região, afirmou que um dos objectivos da ESTA era ultrapassar os 500 alunos...

Isso não é um objectivo. O que eu digo é que se ultrapassarmos esse número de alunos, a escola torna-se auto-suficiente, em termos orçamentais, pelas contas que fiz para já. Ou seja, se a escola ultrapassar os 500 alunos (neste momento tem 407 alunos) torna-se auto-sustentável.

Até quando pretende atingir essa meta?

Isso vai depender. Nós sabemos que até 2010 vai haver uma diminuição do número de alunos a nível nacional. Resta-nos lutar para que a ESTA não seja uma das visadas.

A escola tem as instalações necessárias para comportar e satisfazer esse aumento do número de alunos?

As instalações vão crescer. Há uma parte do convento e dois edifícios no centro da cidade, em vista, onde já temos conversações com a câmara para nos serem cedidos. Se essa cedência se confirmar, e se conseguirmos meios financeiros para os arranjar, não teremos problemas.

Um homem que gosta de ensinar

Nascido a 8 de Maio de 1958, em Coimbra, Miguel Pinto dos Santos licenciou-se em Economia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, curso que sempre desejou tirar. Para o currículo, conta ainda com duas pós-graduações: uma em Sociologia e outra em Gestão de Produtos Turísticos. Nos tempos de universidade, apesar de nunca pertencer a qualquer associação académica ou ocupar um cargo de dirigente associativo, diz ter feito parte apenas de listas minoritárias. Quando ingressou no mercado de trabalho, começou

por trabalhar simultaneamente em três tipos de actividades. Numa primeira fase, trabalhou numa empresa como adjunto de director financeiro, tendo depois passado para um grupo de empresas que consistia numa sociedade de revisores de contas, ligada a um gabinete de projectos, e a uma sociedade de contabilidade. Mais tarde, passou a director financeiro do Instituto Pedro Nunes, instituição ligada à Universidade de Coimbra, e, só depois, desempenhou as funções de administrador do Instituto Politécnico de Tomar (IPT). Foi aí

que surgiu a oportunidade de fazer uma das coisas que mais gosta – dar aulas –, sendo, então, docente no IPT, seguindo-se, pouco tempo depois, a Escola Superior de Tecnologia de Abrantes. Nunca se imaginando chegar à posse de um cargo de chefia de uma escola, aceitou o convite para a nomeação de director da ESTA. Encontrando-se, ainda, a concluir o Mestrado em Sociologia, diz não querer ficar por aqui, afirmando que uma das suas próximas ambições é fazer, a breve prazo, o doutoramento na área de Economia ou Sociologia.

“Prometo total transparência”

Antes era professor, agora é director... O contacto com os alunos vai passar a ser diferente?

Os alunos têm que entender que, a partir de agora, não tenho a mesma disponibilidade. Quando era só professor, leccionava as minhas aulas e, no final, tinha uma disponibilidade integral para os alunos que quisessem fazer o que quer que fosse. Neste momento, tenho reuniões e estou muito ocupado, o que poderá levar a que nem sempre esteja inteiramente ao dispor. De resto, a minha relação com os alunos será sempre igual. Nada vai alterar-se.

Pretende convocar reuniões gerais de alunos, com frequência, para debater e resolver os principais problemas que possam afectar a instituição que passou a representar, comunicando, assim, com os alunos?

É impossível dirigir, levar as pessoas a agirem no sentido que nós queremos e que a instituição precisa, sem comunicar com as pessoas e sem lhes explicar por que é que as pessoas têm que assumir determinados comportamentos ou funções. Ou, então, por que é que certas coisas não são possíveis. Uma função evidente é a necessidade de comunicação. Agora, aquilo que eu prometo às pessoas é uma total transparência. As pessoas vão ter conhecimento daquilo que é feito.

Na tomada de posse do presidente do IPT, houve quem ouvisse dizer que não lhe agradava nada a ideia de existirem jantares, nomeadamente o de Natal ou os jantares de curso, que misturassem professores e alunos...

Essa afirmação traz água no bico (risos)! Eu penso que é bom fazer esses jantares. O que é certo é que tive conhecimento de um jantar, sensivelmente há pouco mais de um ano e meio, em que os alunos se

excederam, fazendo uma série de disparates, chegando mesmo a ser mal criados e indelicados.

O que eu penso é que, hoje em dia, há um hiato enorme entre a geração dos alunos em questão e a minha. Fui educado de uma certa maneira, num tempo em que havia coisas que não eram permitidas e admissíveis. Por essa razão, admito ter rigidez, às vezes de mais, em determinados comportamentos. Agora, quando nos queremos juntar e queremos conviver, tanto eu como os alunos, temos que ceder. Portanto, há determinadas atitudes que têm limites, tendo sido exemplo disso o que se passou naquele jantar que referi. Numa situação dessas, se tivesse presente ter-me-ia ausentado.

Um aluno finalista sai suficientemente bem preparado desta escola?

Uma das coisas mais curiosas é ver um aluno chegar e, depois, vê-lo desenvolver. Quando os alunos chegam, vêm com uma preparação fraca, mesmo os melhores revelam sempre timidez, retraem-se um pouco e não participam nas aulas. Uma das coisas que reparo é que, com o evoluir do tempo, os alunos melhoram muito. Já foi discutida, pelos elementos da Comissão de Avaliação que vieram à escola, uma certa preocupação em dar aos alunos uma certa cultura geral. E qual é o significado desta cultura geral? É o facto de, por exemplo, um jornalista perceber o mundo em que vive, onde se não o perceber pode ser facilmente manipulado. E, desse ponto de vista, penso que os nossos alunos saem muito bem preparados. Não sei se em televisão estamos muito bem preparados, mas temos uns ateliers excelentes. O que acontece sempre, em todas as universidades do país, é que os alunos vão sempre melhor preparados nuns campos do que noutros.

FÁTIMA RODRIGUES



Alunos. “Admito ter rigidez, às vezes de mais, em determinados comportamentos”

STITUIÇÃO LEGAL

...ém sou contra. Pela... de achar que é uma... que degrada a mulher... homem. O facto... ntrar dinheiro num... onamento sexual... ma completamente... relação que deve ser

uma relação entre iguais. Não podemos transformar o sexo numa transacção comercial, dando o poder àquele que tem dinheiro.

TRATADO CONSTITUCIONAL

Sou a favor do tratado, mas

acho que não deve ter um prazo. Deve ser um processo e não uma coisa que é imposta, de um momento para o outro, porque meia dúzia de iluminados acham que têm uma solução para tudo.

| ENTREVISTA | EDUARDO O.P. BRITO, O 'PAI' DOS FENÓMENOS DO ENTRONCAMENTO

“O primeiro que encontrei foi um melro branco”

MARTA RAMALHO

Nasceu em Abrantes, mas partiu cedo para o Entroncamento. Trabalhou sempre na CP, mas quem lhe deu fama foram os fenómenos do Entroncamento. Eduardo O. P. Brito foi o responsável pela sua divulgação na comunicação social. Não satisfeito com a ideia de que só haveria fenómenos na América, “sem dizer nada a ninguém”, decidiu procurá-los no Entroncamento. O primeiro que encontrou foi um melro branco. Depois veio a galinha com quatro patas, o carneiro com três chifres e tantos outros...

“Para provar que era verdade e não pensarem que era uma aldrabice”, Eduardo O. P. Brito dizia sempre onde se podiam ver os fenómenos. Depois a palavra foi passando e ainda recentemente alguém o procurou para lhe mostrar um feijão verde com um metro. Mas, aos 94 anos, Eduardo O. P. Brito já se deixou divulgar fenómenos.

Inseparável do ‘papillon’, Eduardo O. P. Brito é também o nome de uma rua da cidade dos comboios. Já foi entrevistado por inúmeros colegas de profissão, da rádio, da imprensa e da televisão. Agora faz parte de um dos volumes de luxo, das publicações dos Reader’s Digest. Em 2005 recebeu um louvor do Governo português, mas não espera mais nada da sociedade.

Como surgiu a ideia de divulgar os fenómenos do Entroncamento?

Tinha mais de trinta anos e na época os jornais que mais se vendiam eram o ‘Diário de Notícias’ e ‘O Século’. Então, de vez em quando, surgiam notícias vindas das agências noticiosas (France Press e outras do estrangeiro) de casos estranhos, verdadeiramente espantosos... Eu comentava-as com o meu pai. Ele respondia que eram coisas que só aconteciam na América... Depois disto, comecei a pensar e perguntava-me: por que motivo isto só pode acontecer na América? ‘Uma pessoa tem é de procurar estes fenómenos’, pensei. Sem dizer nada a ninguém comecei a procurar e o primeiro fenómeno que encontrei foi um melro branco. A seguir ao melro branco, apareceram ovos descomunais, galinhas com quatro patas, carneiros com três chifres... e muitos outros. Havia quem pensasse que eram coisas inventadas por mim, mas não! Era a realidade.

Como é que tinha conhecimento dos fenómenos?

Começou a saber-se que eu divulgava esse tipo de coisas e vinham cá mostrar-me. Ainda há pouco tempo,

MARTA RAMALHO



O. P. Brito. O “Diário Popular” foi o jornal que mais destaque deu aos fenómenos, incluindo na primeira página

apareceu aqui uma senhora de Casais Castelos (Torres Novas) com um feijão verde, com mais de um metro. Mas agora já não divulgo fenómenos.

Não. Isso nunca investiguei. A raridade estava aí. Dizia sempre onde podiam ver, para provar que era verdade e não pensarem que era uma aldrabice. Mas também só durou dois anos, depois comecei a faltar-me daquilo.

Como é que ficaram conhecidos por “Fenómenos do Entroncamento”?

Foram os jornais que lhes chamaram. Eram casos estranhos e ao mesmo tempo autênticos fenómenos.

Qual o jornal que mais se interessou pela divulgação dos fenómenos?

Foi o ‘Diário Popular’. Assim que eu chegava à redacção do jornal, o chefe cumprimentava-me e perguntava logo qual era o fenómeno que trazia. O ‘Diário Popular’ publicou os fenómenos na primeira página, mais do que uma vez.

“Havia quem pensasse que eram coisas inventadas por mim, mas não! Era a realidade”

Acabei com isso.

Tentou investigar por que motivo os fenómenos só aconteciam na cidade do Entroncamento?

Jornalista há 77 anos

O primeiro artigo que Eduardo O. P. Brito escreveu foi em 1929 no, já extinto, jornal ‘Cinema’. A sua paixão pelas películas foi sempre maior do que a do jornalismo, mas nem isso o impede de escrever as suas crónicas. Ainda hoje colabora com o “Notícias do Entroncamento”, semanalmente. O primeiro jornal de Lisboa em que Eduardo O. P. Brito escreveu foi o ‘Diário de Notícias’, contudo o seu jornal de eleição acabou por ser o

‘Diário Popular’, porque foi o que mais divulgou os fenómenos. Muitas vezes, até na primeira página. Mas a lista dos jornais que publicaram artigos de Eduardo O. P. Brito parece interminável: ‘Diário Popular’, ‘Diário de Lisboa’, ‘Diário de Notícias’, ‘Época’, ‘Comércio do Porto’, ‘Jornal de Notícias’, ‘A Bola’, ‘Record’, ‘O Século’, ‘Diário Ilustrado’, ‘A Luta’, ‘Diário da Manhã’, ‘Primeiro de Janeiro’, ‘Jornal Paris’...

que ficava hospedado na pensão Monumental (em frente à estação da CP) tinha sempre a janela aberta. Um dia, entrou um pardal para o quarto. O homem chamou-o e deu-lhe migalhas de pão, o pássaro começou a comer. À noite, o pardal não queria ir-se embora e o homem teve de o enxotar. No dia seguinte, o mesmo pardal “bateu-lhe” na janela e todos os dias ia lá comer. Quando a obra acabou, o engenheiro foi-se embora e não se soube mais nada do pardal. Como se sabe, o pardal é um animal esquivo, não se dá com pessoas, por isso, achei que era um verdadeiro fenómeno do Entroncamento.

Que outros fenómenos lhe ficaram na memória?

Galinhas com quatro patas, abóboras descomunais, um carneiro com três chifres. E outros que já não me lembro...

Ainda hoje tem um fenómeno no seu quintal...

É um cacto, que dizem ‘eles’, ser o maior do mundo. Um dia um senhor parou em frente à minha casa e começou a tirar fotografias. Trazia um livro debaixo do braço e tinha um sotaque brasileiro. Perguntei-lhe o que queria. Respondeu que estava a observar o meu cacto. Quando ele abriu o livro, que tinha fotografias de cactos de vários países, disse-me que o maior do mundo estava no México, mas ao olhar para o meu, rectificou. Eu pensava que o meu cacto era o maior da Europa, mas afinal é do mundo.

MARTA RAMALHO



Cacto O “maior cacto do mundo” fica na casa de O.P Brito

HELENA MACEDO



Objectivo. Os estudantes que estão a dar nova vida ao relógio de igreja esperam vê-lo a “funcionar na perfeição”

Alunos de Mecânica restauram o tempo

HELENA MACEDO

Os alunos do 4º Ano de Engenharia Mecânica da ESTA aceitaram um novo desafio: restaurar um relógio de Igreja. A iniciativa surgiu no âmbito de um protocolo celebrado entre a Câmara Municipal de Abrantes e o Instituto Politécnico de

Tomar (IPT). Com o projecto ainda por terminar, as expectativas para o resultado final são altas.

A cooperação entre o IPT e a Câmara Municipal de Abrantes visa o desenvolvimento regional nos domínios de formação e das relações de cooperação. No restauro do relógio estão a colaborar dois departamentos

do IPT: o departamento de Engenharia Mecânica e o departamento de Arte, Conservação e Restauro.

A docente de Engenharia Mecânica, Paula Sebastião, diz que o projecto é “uma mais-valia quer para a escola, quer para os próprios alunos”. O objectivo deste trabalho “é enquadrar os trabalhos práticos das discipli-

nas que lecciono, integrando-os em projectos de cooperação entre a escola e instituições”, acrescenta a docente.

Helena Félix, colaboradora do IPT na área de Arte Conservação e Restauro, e Paula Sebastião confessam que o restauro do relógio está a ser realizado por “alunos aplicados e muito habilidosos”, dentro dos objectivos da cadeira semestral de Corrosão e Protecção de Superfícies. O restauro ainda não está terminado pois, como explica Paula Sebastião, “é um trabalho que em termos de tempo é demorado porque não se pode abreviar nada”.

Os alunos de 4º ano de Engenharia Mecânica envolvidos no projecto afirmam que tiveram todas as condições para trabalhar. Admitem que, de início, ficaram surpresos com o projecto pois “o trabalho que nos foi apresentado relaciona-se mais com o curso de Arte, Conservação e Restauro”. Pelo facto de terem surgido alguns contratemplos, os mais pessimistas pensavam mesmo que “a montagem não fosse possível”. Mas isto não impediu que desenvolvessem um gosto especial pelo relógio em causa. Aliás o grande objectivo agora é “ver o relógio a funcionar na perfeição”, sublinham os alunos.

“Camponeses de Valhascos”, os cantadores dos reis

EUNICE PINTO

“Ó casa de nobre gente
Escutai e ouvireis
Esta tão nobre cantiga
Que se canta pelos reis”

São estes os versos que se ouvem na tarde fria de Janeiro e que vão soando pela noite na freguesia de Valhascos, concelho de Sardoal. Hoje é dia de afinar a garganta e ir de porta em porta para cantar os Reis. Preparam-se os instrumentos, decoram-se as últimas quadras está tudo a postos para o início de uma tarde de cantorias.

São as vozes da terra, que vão ecoando pelas ruas e becos da povoação. Ao som do Realejo, do tambor, do reco-reco de cana, e da estreleca, os “Camponeses de Valhascos” percorrem as ruas da freguesia que já conhecem tão bem. Há quem lhes abra as portas e os convide a entrar, a cantar e a petiscar; há quem se contente em ouvir o som da música e a dar um pequeno contributo.

Canta-se os Reis, a tarde vai passando, mas as vozes e os instrumentos continuam ali, no seu lugar. Regelados pelo frio os cantadores vão aquecendo a voz com o que podem. Um cálice de vinho do Porto, um gole de abafadinho... Tudo serve para enganar a garganta. Homens e mulheres que tentam manter a tradição e que utilizam os donativos recebidos de casa em casa para

DR



Rancho. Uma das dificuldades é conseguir dinheiro para os trajes e instrumentos musicais

ajudar o Rancho do qual fazem parte.

Entre o percurso traçado tocam-se e cantam-se músicas tradicionais que lhes levam a esquecer o frio e a ganhar coragem para continuar. É tarde e chegam ao fim do caminho em frente à Igreja enfeitada, ainda com luzes de Natal. Os mais corajosos preocupam-se em arrumar os instrumentos; os outros vão para casa descansar pois a tarde foi longa.

Tão longa foi a tarde como longa é a história dos “Camponeses de Valhascos”. O actual rancho folclórico surgiu em 1975, pelo que já conta com 31 anos de memórias. Foram vários os fundadores do grupo

e são muitos os homens que ainda hoje levam a cabo este propósito. Paulo Marques, Abílio Marçal e Luís Marques são os actuais responsáveis pelo rancho, que lamentam a falta de colaboradores.

Embora contem com o apoio da Câmara Municipal do Sardoal e da junta de freguesia, Paulo Marques não esconde que os “Camponeses de Valhascos” sentem várias dificuldades financeiras. A compra de materiais e de trajes são um constante desafio pois, nem sempre, existem fundos compatíveis aos gastos. Os “Camponeses de Valhascos” aproveitam esta altura do ano para fazer frente ao problema, tentando juntar

algum dinheiro.

O rancho conta hoje com cerca de 30 dançarinos, coro e standarte. Do repertório fazem parte músicas alusivas à terra e à região. As próximas actuações ainda não estão agendadas, mas o rancho continua a tentar “remar contra mare” e a fazer história. A história deste grupo começa pela mão de Fernando Silva. Depois de uma interrupção de um ano, Jacinto Costa, em conjunto com Abílio Marçal, relança o rancho. Em 1980, Joaquim Marques forma o rancho infantil. Cinco anos depois o rancho é baptizado com o seu actual nome, tendo como padrinhos Luís Ventura e Graça Salgueiro.

Gala 7º aniversário do AFC

Rio de Moinhos acolheu, no passado dia 15 de Dezembro, o jantar de aniversário do Abrantes Futebol Clube (AFC). O clube abrantino comemorou o seu sétimo aniversário num ambiente festivo, que juntou membros da direcção do clube, da equipa técnica, atletas e sócios para além de ter contado com a presença de representantes da Federação Portuguesa de Futebol, da Associação de Futebol de Santarém e da Câmara Municipal de Abrantes.

Tal como todos os anos, o jantar foi precedido da distinção das instituições e das individualidades que durante a época deram o seu contributo ao clube. A “Rádio Tágide” e o semanário “Primeira Linha” foram os galardoados com o Prémio Comunicação Social Local; na categoria de Prémio

Jogador Sénior e Júnior Revelação, foram distinguidos Bruno Lemos e Kátio, respectivamente. Bruno Ferreira foi considerado o Jogador Sénior do Ano e Jorge Rosado recebeu o de Jogador Júnior do Ano. Edgar Martins, Vítor Bernardes, Telmo e Gonçalo Santos receberam o Prémio Carreira; Manuel João e Pedro Fernandes mereceram o Prémio Dedicção. Vítor Alves, Nuno Gil e José Neves foram considerados a Equipa Técnica do Ano. O Prémio Sócio do Ano foi atribuído a Vítor Barrento, o Prémio Reconhecimento foi entregue a Miguel Roldão e Carlos Hipólito e o Prémio Especial foi atribuído à Secção de Veteranos do AFC. Os habituais discursos não faltaram, todos eles apelando à união e apoio ao clube. M.J.O.

Campanha “Mundo Limpo” chega ao concelho de Abrantes

CHARLENE IZAQUE

A Valnor (empresa de tratamento de resíduos sólidos) promoveu, entre 9 e 10 de Janeiro, uma campanha de resíduos e recolha selectiva do lixo doméstico, no concelho de Abrantes.

A campanha esteve nas 19 freguesias do concelho, com a carrinha “Mundo Limpo”, um veículo expositor, que conta a história do lixo desde a antiguidade até aos dias de hoje. Através de painéis e maquetas sobre a recolha, tratamento e valorização dos resíduos sólidos urbanos, o público geral e população escolar conheceram os novos caminhos da reciclagem.

Sandra Pedrogam, responsável de comunicação e imagem da Valnor, assegura que

“algumas pessoas já separam o lixo”. Contudo, afirma ter percebido que a maior parte da população não tem noção dos processos de triagem do lixo: “Colocam o lixo nos Eco-pontos, mas desconhecem o seu destino”. Sandra Pedrogam considera, ainda, que se as pessoas visitassem uma empresa de triagem “ficariam mais elucidadas sobre o benefício da reciclagem”.

A Valnor, que apenas trabalhava no distrito de Portalegre, integrou, no ano passado, no seu sistema, os concelhos de Abrantes, Sardoal, Vila de Rei, Mação e Gavião. A empresa começou em Dezembro a colocar Eco-pontos nos novos concelhos, garantindo um por cerca de 215 pessoas.

CHARLENE IZAQUE



Expositor. A história do lixo desde a antiguidade até hoje

I Genéricos: as hesitações no momento de receitar e as dúvidas no momento de comprar

Médicos habituados aos medicamentos de marca

O hábito e a confiança em determinados medicamentos parecem explicar a tendência dos médicos para receitarem pouco os genéricos. Há utentes “conservadores”, que só querem medicamentos de marca, manifestando alguma desconfiança em relação ao que é fácil e barato. Mas também há doentes que gostariam de escolher o tipo de medicamentos que vão tomar. Os profissionais da saúde admitem que os genéricos permitem poupar dinheiro, sem prejuízo da eficácia.

CRISTINA SANTOS

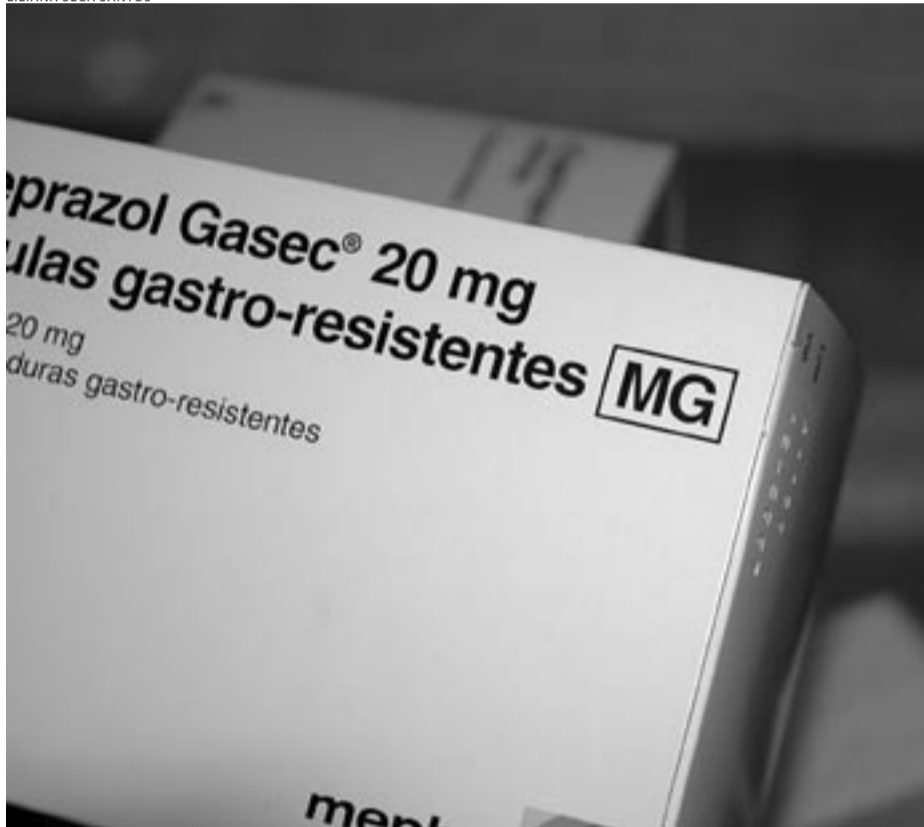
“Nós é que devíamos ter legitimidade para optar entre os de marca e os genéricos!” Quem assim fala, referindo-se ao consumo de medicamentos, é um aposentado de 80 anos, residente na zona de Abrantes. Muitos utentes parecem juntar-se num coro de protestos contra os médicos que não receitam genéricos. Luísa Marques, doméstica, residente em Abrantes, junta a sua voz: “Não gostam, não me querem receitar”.

Joaquim Ribeiro, licenciado em Ciências Farmacêuticas e proprietário não gerente da farmácia Silva, da cidade de Abrantes, explica que é o médico que decide se prescreve ou não o genérico, assinalando na receita se autoriza a sua dispensa. Só o médico pode deixar que seja o doente a optar entre as várias hipóteses que se lhe apresentam, contando com a ajuda do farmacêutico. Pela sua experiência, adianta que, normalmente, os médicos receitam os medicamentos em que confiam. Ou seja, aqueles que estão habituados a prescrever.

Ana Margarida Santos, estudante do último ano de Enfermagem da Escola Bissaya Barreto, confirma que os médicos receitam mais medicamentos de marca do que genéricos. Mas não encontra nenhuma justificação para esse facto. Esta futura profissional na área da saúde, que neste momento realiza o seu sétimo estágio na cirurgia vascular no Hospital da Universidade de Coimbra, diz trabalhar mais com os genéricos. A explicação tem sobretudo a ver com o preço.

Um médico do Centro de Saúde de Abrantes, Falcão Tavares, explica, sorrindo: “Eu prescrevo de todos, porque os genéricos não cobrem ainda toda a gama de fármacos. Passamos genéricos quando nos lembramos ou quando o doente pede.” Este profissional da saúde adianta que há muitos medicamentos que ainda não têm genéricos, provavelmente porque se trata de medicamentos recentes. Apesar de reconhecer que o hábito leva a prescrever determinados marcas, Falcão Tavares também confirma que, com o tempo,

LILIANA SÉCA SANTOS



A Associação Portuguesa de Medicamentos Genéricos (APOGEN) fornece, no seu site, uma definição para o conceito: “Os medicamentos genéricos são medicamentos com o mesmo grau de segurança e qualidade, dos medicamentos originais, e com a mesma eficácia terapêutica, comprovada através dos estudos de biodisponibilidade e de bioequivalência”. A APOGEN acrescenta também que, segundo a legislação do medicamento, estes são identificados pela sigla MG, inscrita nas embalagens. Relativamente às vantagens que o medicamento apresenta, explica que o consumo dos genéricos permite que o Ministério da Saúde faça poupanças nos seus gastos globais, que possam ser aproveitadas noutras áreas relativas aos cuidados da saúde.

Preço. Com a redução das comparticipações dos medicamentos genéricos (MG), “as pessoas vão preferir os de marca”

a prescrição de genéricos foi subindo.

Joaquim Ribeiro encontra uma explicação para o facto de os médicos receitarem pouco os genéricos. É que, havendo tantas formulações deste tipo de medicamentos, é impen-sável que um médico tenha conhecimento de todas elas. “O que acontece em Portugal é que se abriu o livro de comércio dos genéricos a toda e mais alguma fábrica. Só falta virem os chineses produzirem as suas moléculas, não se sabendo de onde vem a matéria-prima e que qualidade terá”.

“Eu prescrevo de todos, porque os genéricos não cobrem ainda toda a gama de fármacos” - diz Falcão Tavares, médico

Um outro motivo que pode influenciar na prescrição de genéricos é a própria vontade do doente e a confiança que este deposita no medicamento. Falcão Tavares conta que enquanto alguns doentes pedem expressamente que lhes sejam receitados genéricos, outros recusam. E porquê? “Porque as pessoas desconfiam daquilo que é aparentemente uma facilidade. Dado que se deram sempre bem com os medicamentos de marca, têm alguma desconfiança”. São doentes “um pouco conservadores”, na sua maioria doentes mais idosos.

Beatriz Dias Ferreira, enfermeira do Centro de Saúde do Souto e da Aldeia do Mato, confirma que existe uma certa resistência aos medicamentos genéricos. Diz que ouve as “pessoas dizer que não se dão” com os genéricos e que chegam a afirmar que este tipo de medicamentos não faz tanto efeito. “Por vezes, é mesmo sugestão nossa pensarmos que não são tão bons como os de marca”.

Quanto à diferença de efeitos a que alguns doentes se referem, Ana Margarida Santos lembra que estes têm o mesmo composto activo que os medicamentos de marca e que actuam da mesma maneira. As indicações e os efeitos são os mesmos. Falcão Tavares explica que “os genéricos permitem uma poupança para o doente, sem haver realmente prejuízo quanto à eficácia”. Justifica dizendo que os medicamentos genéricos têm estudos que permitem confirmar uma eficácia igual aos medicamentos de marca.

Uma farmacêutica de Fátima não verifica nenhuma tendência especial para os genéricos e adianta que o consumo de medicamentos é variável. Até Novembro, os genéricos eram obrigatoriamente mais baratos do que

os de marca, mas as alterações impostas pelo Ministério da Saúde anularam as comparticipações. Esta profissional diz que alguns utentes não estão bem ao corrente, mas que há pessoas interessadas e que acabam por querer saber mais informações acerca disso. Por que a diferença no preço pode determinar as escolhas.

Ana Margarida admite que a questão do preço é uma forma de fazer concorrência aos medicamentos de marca, mas lança um alerta sobre o que pode vir a acontecer, tendo em conta as diminuições nas comparticipações: “As pessoas vão preferir os (medicamentos) de marca e os genéricos não vão ter tanta adesão. É vantajoso se continuarem a serem comparticipados”. Se deixarem de ser, a enfermeira Beatriz Ferreira admite que as pessoas passem a comprar os medicamentos de marca.

Aliás, a questão de preço dos medicamentos acaba por ser decisiva em todo este processo. Beatriz Dias Ferreira afirma, muita convicta, que tem ouvido muitas queixas: “Até desconfio que muitos utentes não compram os medicamentos porque não têm dinheiro que chegue!” Joaquim Ribeiro também aponta situações semelhantes: “As pessoas não se sentem à vontade para dizerem que não tem dinheiro e acabam por chegar à farmácia e dizem «já tenho esse medicamento» ou «não me faz falta»”.

Cláudia de Jesus, uma reformada e utente de 86 anos que esperava “pela sua vez” no Centro de Saúde de Abrantes, conta que nunca teve “nenhum problema” com os medicamentos genéricos. João Félix de 70 anos, também ele reformado, critica os genéricos: “Acho que são bons, mas estão mal controlados ou mal orientados”.

Joaquim Ribeiro compara as diferenças de opinião em relação aos medicamentos de uma forma criativa: “É como um bolo”. E um bolo feito por uma cozinheira pode ser ligeiramente diferente de outro, feito por outra cozinheira. “Se calhar as pessoas preferem o bolo de uma cozinheira, porque pôs mais um bocadinho de açúcar, é muito mais doce e gostam mais”.

Medicamentos fora das farmácias?

Outra alteração prevista para o campo da saúde é a liberalização da venda dos medicamentos fora das farmácias, cuja proposta de lei já foi apresentada em Abril de 2005, pelo ministro da Saúde, Correia de Campos. O Governo tomou a decisão de abrir a comercialização de medicamentos não sujeitos a receita médica (MNSRM) fora das farmácias, mantendo, no entanto, a intervenção de técnicos qualificados no atendimento ao público. A farmacêutica de Fátima diz não concordar com essa decisão, explicando: “Já aqui, ao nível do balcão de farmácia, nós vemos que a pessoa não sabe utilizar muito bem o medicamento. Se ele estiver ainda mais à mão de qualquer pessoa, acho que é um pouco perigoso”. Mesmo tratando-se de medicamentos MNSRM, a farmacêutica contesta a

decisão, afirmando que um simples Ben-u-ron pode ser prejudicial, se tomado em grandes quantidades. Ana Margarida, finalista do curso de Enfermagem, partilha a mesma opinião. Considera os medicamentos como uma droga, que certos doentes não podem consumir, tendo estes de ser bem informados para não correrem risco de tomar algo que lhes faça mal. Joaquim Ribeiro, proprietário da Farmácia Silva, de Abrantes, também se mostra preocupado: “Em termos de segurança, não deve haver”. Por seu lado, Beatriz Ferreira diz concordar com a venda desses medicamentos fora das farmácias, argumentando: “É muito difícil, por vezes, uma pessoa chegar a uma farmácia”. E vai mais longe: “A maior parte dos farmacêuticos não pergunta para que vamos tomar”.

I Anastácio Batista Duarte, toureiro a cavalo, e Diogo Gomes, forcado amador

“O touro é adversário e não inimigo”



Paixão, dedicação e empenho: sentimentos que unem os que envergam na alma aquela que é considerada, por alguns, como a mais nobre tradição portuguesa. Trajes de luzes e barrete de campino são apenas acessórios para quem dedica uma vida à tauromaquia. Um cavaleiro e um forcado em discurso directo. “O mais importante é chegar ao louvor!” Se o touro morre ou não na arena, as opiniões dividem-se...

ANA NEVES

A luz reflecte-se na “Quinta Anastácio”, em Tomar. Sente-se o cheiro da natureza e o calor da recepção, numa manhã de Inverno. O proprietário, Anastácio Batista Duarte, toureiro a cavalo, mostra, numa visita guiada, os resultados de um trabalho de quase 30 anos. Os estábulos, o verde da relva e até o macaco que dá as boas vindas, contrastam com uma casa de estudante, em Abrantes, onde também se respira tauromaquia. Diogo Gomes, aluno de Engenharia e Gestão Industrial na ESTA, fala da experiência como forcado amador. O gosto pelo toureio une dois homens, separados por gerações e por prioridades.

Com paixão nos olhos, Diogo confessa, aos 23 anos, já não ter a mesma disposição e tempo para se dedicar à actividade de forcado, que iniciou quando ainda era adolescente: “A prioridade é os estudos, não tenho tanta disponibilidade para me deslocar e treinar o necessário”. Estando a tirar a sua licenciatura em Abrantes, a concretização da paixão pela vida de forcado torna-se mais difícil. Mas os quilómetros que separam os livros dos touros não serão suficientes para terminar com o sentimento. E é por isso que sublinha a vontade de querer continuar no grupo de Forcados Amadores da Moita.

Batista Duarte prepara-se para o treino matinal. Ao colocar a cela num dos seus 30 cavalos, diz, com um sorriso, que treina todos os dias, de manhã à noite. “É uma vida dedicada à tourada, requer trabalho. Quem entra no meio por dinheiro não aguenta!” Para o cavaleiro, são necessários paixão e empenho.

O meio social em que Diogo e Batista Duarte cresceram foi, sem dúvida, um impulso para o desenvolvimento do gosto pela tradição. A maioria dos amigos do estudante está envolvida no mundo da tauromaquia. Em pequeno teve oportunidade de participar em Férnas (pegas em que o gado é mais pequeno) e foi aos 17 anos que ingressou, pela primeira vez, num grupo de forcados. Batista Duarte contactou desde tenra idade com cavalos e touros. Aos 12 anos montava a cavalo e aos 15 começou a tourear em garraíadas

ANA NEVES



Batista Duarte. “É uma vida dedicada à tourada, requer trabalho. Quem entra no meio por dinheiro não aguenta!”

de colégios em várias partes do país.

Nervosismo. Emoção. Expectativa. Porque nem só o treino determina o momento crucial do espectáculo, o forcado também tem as suas superstições. Dentro do barrete leva preso vários santos. Antes de cada pega espalha os seus “santinhos” e pede para que tudo corra pelo melhor. Porque “é sempre bom pedir

Num mundo quase só masculino, as mulheres podem vingar

uma intervenção divina!”

Na quinta, abre-se a porta para “Xibanga”, o touro domesticado. O animal negro dirige-se para o picadeiro, onde já se encontra Batista montado a cavalo. Treinado para responder à voz do dono, dirige-se para o centro, com os olhos fixos, apontando os cornos para o cavaleiro. Simula-se o espectáculo, levanta-

se a terra, perante o olhar de um público mais reduzido do que o habitual. Na praça tudo é diferente. O público, cada vez mais exigente, responde com assobios quando os protagonistas não estão bem. “É preciso oferecer emoção. O mais importante é chegar ao louvor!” Para agradar aos aficionados, o toureiro terá de ter em mente que o animal é adversário e não um inimigo a abater, reforça Anastácio.

Acerca da morte do touro na arena, forcado e cavaleiro têm diferentes opiniões. Diogo diz-se apologista, por ser da opinião de que o touro sofrerá menos e conservará a sua dignidade morrendo no espectáculo. Mas confessa que, por vezes, “custa olhar para o animal com todas aquelas bandarilhas”. O cavaleiro avalia a questão por outro prisma. Fala em tradição: “Primeiro que nada, há que respeitá-la. Na portuguesa são os forcados, o toureio a cavalo e a pé. Em Espanha, são os touros de morte.” Apesar de ser contra, teve efectivamente de matar touros nas suas deslocações ao país vizinho. “O povo espanhol não perdoa. Pobre do toureiro que não conseguir matar o ani-

mal em plena arena!” – repete Batista Duarte várias vezes.

Num mundo maioritariamente masculino, as mulheres podem vingar. O estudante de Engenharia diz já ter presenciado pegas de “mulheres valentes” de um antigo grupo da Moita. Pegas estas efectuadas a

novilhos e não a touros, como se verifica nas pegas masculinas. Mas o forcado não duvida que se venham a verificar pegas a toiros, justificando que não só a força física se emprega, mas também a psicológica. O cavaleiro diz existirem elementos femininos de bastante

valor no toureio a cavalo, e diz até que “se os cavaleiros não estiverem atentos as mulheres tomam conta da situação”.

Fecham-se as portas, findam os aplausos. Amanhã é dia de treino outra vez. Porque o produto final não se faz só de aplausos e reconhecimento!



DIOGO GOMES

Faz parte dos Forcados Amadores da Moita desde os seus 17 anos, perfazendo cinco de actividade. São de tempos de dedicação a uma paixão que agora começa a dar lugar a uma outra prioridade: a licenciatura em Engenharia de Gestão Industrial da ESTA. Mesmo com o tempo limitado, o futuro engenheiro quer continuar a ser forcado.

Uma história com séculos de existência

A tauromaquia foi fruto de uma evolução lenta, que fez com que se enraizasse, principalmente na Península Ibérica. A profissão de “Matatoiros” (membros do povo que matabam o animal com flechas, lanças e facas) é a primeira manifestação popular em corridas de touros. É proibida por D. Afonso, o Sábio, que considerava a prática repugnante. A partir desse momento, as actividades taurinas passam a ser executadas pelos nobres, que a consideram como um desporto. Com a decadência da nobreza, regista-se uma aversão às práticas, por isso regressam os “Matatoiros”, que devolvem o protagonismo ao povo. É neste contexto que surge o profissionalismo e as primeiras regras de toureio. D.

Sancho teria sido dos primeiros membros da realeza a tourear, em 1258. Mas o enraizamento da tourada em Portugal teve o seu momento alto aquando da ocupação espanhola. Filipe II, I de Portugal, apoiou iniciativas, principalmente, de toureio a cavalo. Após a Restauração, fortalece-se a arte de tourear, com a construção de vários praças e realização de corridas. A tauromaquia passa por dois



períodos em que perde relevância: no primeiro com Marquês de Pombal no poder, já que o ministro não nutria qualquer simpatia pelo toureio. O segundo verifica-se aquando da Fuga da Família Real para o Brasil, devido às Invasões Francesas. Em 1863, o regente D. Miguel opta pela proibição da morte do touro na arena, proibição que se mantém até hoje. O primeiro registo de intervenção Forcada data de 1661, no contracto nupcial de D. Catarina e Carlos II de Inglaterra. No início do século XX, os grupos de forcados profissionais cobravam para participar em festas, o que originou a formação de grupos amadores. O grupo de Forcados Amadores de Santarém, nascido a 1915, foi o primeiro.



LILIANA SÉCA SANTOS*

Eram jovens e adultos. Avós, pais e filhos que assistiam ao espectáculo. No palco, Luís de Matos, de negro, apresentava um espectáculo invulgar. O cenário é idêntico a uma sala de estar: com livros, um ecrã gigante, candeeiros de pé e uma tapete de quadrados pretos e brancos. Ouve-se uma música algo dramática e instruções no ecrã pedem às pessoas para desligarem os telemóveis. É sinal que o espectáculo “Close Up” está prestes a começar. Sala escura, palco iluminado, público quieto e atento. Aplausos a cada truque ou ilusão. O público interage com o ilusionista, participando em alguns truques. Após o espectáculo, os autógrafos aos fãs e alguns simpatizantes. Pequenas sessões fotográficas e algum diálogo. Luís de Matos em entrevista ao ESTAJornal, explica os contornos de um espectáculo feito para teatros de pequena e média dimensão, defendendo que “não há diferença entre públicos, seja de localização geográfica, idade, raça, nível social, cultural ou poder económico”.

“A magia desperta o que de mais comum existe no ser humano”

“Close Up” é um espectáculo que reúne vários truques e ilusões seus. Porquê o nome este nome?

“Close Up” é o primeiro espectáculo que fazemos para teatros de pequena e média dimensão. Antes, as pessoas viam o meu trabalho na televisão ou em grandes salas, como o Pavilhão Atlântico ou o Estádio do Dragão, e agora têm a oportunidade de assistir num plano mais próximo. O termo “Close Up” é muito utilizado na fotografia e na televisão. É um termo universal, que quer dizer “grande plano”.

Durante o espectáculo fez referência ao seu tio. Citou-o quando se referiu a umas argolas de metal, que lhe foram dadas aos sete anos de idade. Quatro anos mais tarde apresentou o seu primeiro espectáculo. Terá sido esse episódio a base da sua entrada no mundo e na arte na magia?

Foi o meu pai que me ofereceu as argolas. Recordo-me que aos domingos, à tarde, íamos aos salões do Júlio Isidro. Eu ficava fascinado com o trabalho dos mágicos. A base deste momento é a referência a esta história. Mas isso só viria a ganhar uma maior dimensão anos mais tarde. Ingressei e concluí a minha formação no ensino superior, na Escola Superior Agrária de Coimbra. Fiquei, inclusivamente, a trabalhar como docente. Depois disso, e com duas carreiras, a artística e académica, a começarem de forma mais oficial, acabei por escolher esta área.

Não se arrepende de ter optado pelo Ilusionismo?

Não. Ainda não estou arrependido e espero não vir a arrepender. Faço parte daquele grupo de pessoas que faz o que gosta, como gosta e quando gosta. Isso é obviamente um privilégio.

Este espectáculo um ambiente confortável e relaxante. Porquê?

Porque quero que cada pessoa que assista ao espectáculo tenha a sensação semelhante àquela que os meus amigos têm quando passam um serão comigo. Em que partilhámos histórias, não necessariamente estas, mas que haja esse clima de partilha, de conjunto. Este cenário tenta de forma figurada ser a sala de estar da minha casa.

É a primeira vez que vem actuar em Abrantes. Considera o público diferente, relativamente aos públicos das grandes cidades como Lisboa, Porto ou Coimbra?

Creio que isso é uma ilusão que existe. O público é todo ele diferente. Cada espectador é diferente de um outro espectador. Porém, a magia desperta o que de mais comum existe no ser humano. Quando esse ser humano se vê desprovido de todos os preconceitos, preocupações e obrigações sociais, acaba por encontrar, dentro de si, essa capacidade de sonhar, de imaginar, permitindo que desafiemos essa mesma capacidade de forma igual. Passados alguns segundos do espectáculo começar, todos os espectadores acabam por aceitar o desafio e aproveitar esses momentos enquanto momentos, porque passam no reino do imaginário, do fantástico, da ilusão. E aí, não há diferença entre públicos, seja de localização geográfica, idade, raça, nível social, cultural ou poder económico.

Gosta mais do público jovem ou do público adulto?

É o público familiar que consegue congrega justamente estes dois tipos de

público. Hoje em dia, há cada vez menos ofertas na área de espectáculos em que a família pode assistir em conjunto. A um espectáculo de magia temos vindo a conseguir que venham famílias. O que faz com que também para as famílias seja uma experiência única, o que é fantástico.

Decerto já se enganou a realizar algum truque ou ilusão num espectáculo. Como reage perante esta situação?

Todos eles. Nunca nenhum sai como o previsto porque este tipo de espectáculo não foi feito em playback. Portanto, todo ele é feito e decidido no momento. É sempre fruto de uma interacção directa com o público que se tem presente naquele instante. Sei em que sentido quero conduzir o espectáculo, mas, pelo meio, há sempre uma forte interacção com esse público em especial. O texto desse espectáculo só pode ser escrito no final de cada representação e é sempre diferente.

Normalmente, ensaia quantas vezes por dia?

Ensaio diariamente. Quando é o lançamento de um espectáculo, às vezes, estou semanas a fio a ensaiar. Outras vezes, preocupo-me em não ensaiar, mas em editar a banda sonora, a desenhar a iluminação ou mesmo a rever a programação. Há muito que fazer nesta área. Ela não se torna monótona, pois é feita em vários quadrantes. Isso é óptimo porque mantém a frescura e vontade de fazer mais.

Também actuou na Santa Casa da Misericórdia de Abrantes... O que o impressionou mais?

Eram crianças com quatro e cinco anos, adultos com 30 ou 40 e a única coisa em

Perfil

Nasceu em Maputo, Moçambique. Estava-se no ano de 1970, a 23 de Agosto. O seu primeiro espectáculo foi apresentado com apenas 11 anos. Hoje, aos 35, é tido como o melhor ilusionista português. Na televisão estreou-se em 1990, na RTP. Tem uma vasta experiência no campo televisivo. Fez programas como o “Caça ao Tesouro” e “Noite Mágica”. Foi convidado para a apresentar, em 1994, o Festival da Canção. Em 1995 previu os números da extracção do totoloto, uma semana antes do sorteio. Já percorreu o mundo e é, também, reconhecido internacionalmente. Recebeu inúmeros prémios. “Mágico do Ano”, em 1999, atribuído pela Academia de Artes Mágicas de Hollywood, “Mandrake D’or”, concedido pela Sociedade Francesa de Ilusionistas no ano de 2000, entre outros. Recentemente, publicou três pacotes de 50, 100 e 150 truques. Chama-se Luís de Matos. No passado dia 20 de Dezembro, esteve em Abrantes, no Cine-Teatro S. Pedro, a apresentar o espectáculo “Close Up”.

comum era o facto de pertencerem a um grupo dito carenciado. Se calhar, os carenciados somos nós. Carenciados em termos solidários. Foi muito agradável constatar como aquelas pessoas se uniram nessa mesma percepção. Acredito que desfrutaram das ilusões que levei com muito gosto.

*com Cláudio Monteiro

“TENHO ALGUNS AMIGOS QUE GOSTAVA DE FAZER REAPARECER”

Qual o seu livro de sempre?

O “Príncipezinho” de Saint-Exupéry. É um livro extraordinário que se deve ler várias vezes, pelo menos de cinco em cinco anos. Lemos sempre histórias diferentes, em função do nosso próprio crescimento. Até tenho uma colecção de “Príncipezinhos” em várias versões.

Qual o seu prato predilecto?

Gosto muito de leitão à Bairrada. Gosto imenso e cozinho teias de gambas. Mas se tiver com muita fome e tiver um bitoque, acho fantástico.

A sua bebida favorita?

Tenho fases. Umas vezes é Nestea, outras que é Ice Tea. Agora estou na fase do Nestea. Também gosto de SevenUp, mas acima de tudo água.

Qual o seu filme preferido?

Tenho vários. Mas se tiver que escolher é o “Aniqui Bóbó” de Manoel de Oliveira.

Qual o seu apresentador de televisão de eleição?

Apesar de tudo aquilo que gravita em seu redor neste momento, é o Carlos Cruz. Acho que é a grande referência televisiva em Portugal. Carlos Cruz é uma pessoa extremamente marcante no panorama da história da televisão portuguesa.

Qual a pessoa que mais o marcou?

Essa pergunta será mais fácil de responder quando tiver no final da minha vida. Só aí, poderei ser profundamente implacável na opinião e conseguir de forma mais isenta, credível e sem favoritismos, fazer o balanço. Para não cometer uma injustiça, prefiro



não fazer essa apreciação agora.

Se tivesse esse dom, quem faria reaparecer?

Tenho alguns amigos que gostava de fazer reaparecer. Se tivesse que a hipótese de escolher uma única pessoa, fazia um referendo e colocava essa possibilidade ao serviço dos portugueses.

E quem faria desaparecer?

Ninguém. Se houver alguém que pense que o outro mereça desaparecer, é porque não é uma grande pessoa. E se não é uma grande pessoa não merece sequer que perca tempo com ela.

Quais os seus desejos para 2006?

Continuar a escrever espectáculos, a criar ilusões e, sobretudo, a ser feliz pessoal e profissionalmente. O que no meu caso acontece a criar ilusões e a fazer espectáculos. A partilhá-los com todos aqueles que aceitam o convite e que nos dão o benefício da dúvida, vindo assistir aos espectáculos.

ABRANTES FORA DA TAÇA



No passado dia 11 de Janeiro, em jogo a contar para a Taça de Portugal, o Abrantes Futebol Clube (militante na 3ª série da II Divisão B), foi eliminado pelo Boavista (3-0) em pleno Estádio do Bessa. Com uma equipa com muitos dos seus habituais titulares, os homens de Carlos Brito eram apontados como os claros

favoritos. No entanto, os canarinhos conseguiram resistir, durante muito tempo, às investidas dos axadrezados. Somente na segunda parte Paulo Jorge (62mts) conseguiu bater o guarda-mão abrantino. Cinco minutos após o golo inicial, Figueiredo faz o 2-0 de cabeça (67mts). Hugo Monteiro, após excelente jogada

individual, encerrou o marcador com um golo "à Romário", de "bico". Numa "luta" clara entre David e Golias, os pupilos de Vítor Alves dignificaram e honraram a camisola, explicando o porquê de ocuparem a 3ª posição no campeonato. De referir que a equipa do Vale do Tejo, com apenas sete anos de

existência, conta já com uma considerável falange de adeptos, pois, de Abrantes para o Porto, partiram quatro autocarros cheios de entusiasmo e esperança. Os árbitros da partida foram Paulo Pereira (Viana do Castelo), assistido por Henrique Parente e Fernando Pereira. O 4º árbitro foi António Teixeira. A. C.

Uma equipa de raparigas no Sporting Clube de Abrantes

“Apoiem o futsal feminino!”

Um dia um sócio teve a ideia e propôs à direcção do Sporting Clube de Abrantes (SCA), a criação de uma equipa de futsal feminino. As atletas? Um grupo de raparigas que participavam em torneios. O clube aceitou e, hoje, reúnem-se duas vezes por semana e fazem aquilo que mais gostam: jogar futebol! Apesar dos apoios que faltam, a equipa de futsal resiste.

MARIA JOÃO CARDADOR
E MARIA JOSÉ VAZ

Terça-feira. 20h00. Lentamente, o vazio e silencioso Pavilhão Municipal do Tragal ganha vida à medida que as atletas do Sporting Clube de Abrantes (SCA), entre cumprimentos e risos, chegam para mais um dia de treino. Os minutos que o antecedem servem para pôr alguma conversa em dia e saber como correu o resto do fim-de-semana.

A sessão de treino começa por volta das 20h30. O treinador, António Almeida, dispensa apresentações no que diz respeito ao futebol juvenil e sénior da região do Ribatejo. O seu currículo, com uma série de títulos conquistados nos mais variados escalões, comprova-o. Passos largos e apressados, expressão séria e grave, faz-se acompanhar sempre pelo seu bloco de notas debaixo do braço. Espera impaciente pelas suas jogadoras. Não tolera atrasos. É preciso preparar o próximo jogo. Falar sobre o que correu mal no fim-de-semana. Sobre as falhas. Para que os erros não se repitam.

Desde que iniciou a carreira de treinador que António Almeida se habituou a lidar com rapazes. O primeiro contacto com o futebol feminino ocorreu há seis anos e desde há dois que assumiu o comando técnico da equipa do SCA. Como o próprio refere, “foi mais um desafio”. Confessa que “é aliciante trabalhar com mulheres”, acrescentando que é algo que lhe dá imenso “gozo”. Porque muitas têm uma capacidade extraordinária para jogar tal e qual como os homens e outras apenas precisam que saibam lidar com elas.

Para “Tó”, como é conhecido o treinador, a principal diferença entre homens e mulheres reside na força física. “Muitas raparigas têm aptidões natas para jogar e em técnica nada ficam a dever aos rapazes, pelo contrário são muitos mais requintadas” – defende. Outra diferença apontada reside no facto de

MARIA JOSÉ VAZ



Feminino. “Muitas raparigas têm aptidões natas para jogar e em técnica nada ficam a dever aos rapazes, pelo contrário são muitos mais requintadas”

Preconceitos e “machismo”

Fátima Brás. 19 anos. Capitã de equipa, não nega a responsabilidade que sobre si recai, sobretudo quando as coisas não estão bem. “Dentro do balneário sou eu que mando, tenho que manter a ordem e a disciplina e, acima de tudo, manter o espírito de equipa, porque se não existir, as coisas não vão resultar.” Tal como o “mister”, Fátima elogia a direcção: “São muito prestáveis”. Mas nem tudo é positivo. Não disfarçando o seu descontentamento, a capitã remata: “Há muita gente em Abrantes que não faz a mínima ideia de que há uma equipa de futsal feminino”. De resto, estas jovens apenas contam com o apoio de familiares e amigos. Dizem sentir-se discriminadas. Defendem que Abrantes é uma cidade onde o preconceito e o “machismo” são uma barreira

ao desenvolvimento do futebol feminino. “Vêem com má cara o facto de mulheres praticarem desportos que à partida são de homens” – denunciam as jogadoras. É das mais jovens atletas do Sporting de Abrantes; aos 16 anos, Susana, para além de defender as redes da sua equipa, é, a par de Sandra, uma presença regular na selecção distrital de futsal feminino. Confessa que pertencer à selecção não é fácil porque “a concorrência é bastante grande e os treinos são duros”. Entretanto, a equipa de futsal feminino não baixa os braços. Há uma meta e um objectivo a cumprir. Desde que a equipa surgiu há três anos, conseguiram posicionar-se nos lugares cimeiros da sua competição. É preciso continuar.

as considerar mais calculistas e frias do que os homens pois “sabem lidar melhor com as situações, não entram no despique”. E na equipa que treina sente que a agressividade está lá, não concebendo a ideia de que pelo facto de serem mulheres tenham que reagir passivamente às situações que se lhes deparam. O treinador defende que no futsal é preciso “deixar o feminismo de lado e ser profissionais”. Apesar de gostar da experiência, não esconde que é difícil lidar com elas: “Treino jogadoras dos 16 aos 27 anos, o ambiente é bom mas, só porque uma se lembra de trazer o risco do lado esquerdo do cabelo quando o trazia do lado direito é motivo para fazer uma birrinha e depois descarregar a sua ira no treino”. Nessas alturas é preciso intervir muitas vezes, medindo as palavras para não gerar conflitos.

Para além do apoio que dá às atletas, António Almeida enaltece o papel da direcção, que, no seu entender, tudo faz para que as atletas tenham o mínimo de condições para a prática da modalidade. E um dos problemas com que a equipa se debate é precisamente esse: a falta de meios financeiros. Dependem quase única e exclusivamente da ajuda da direcção, porque o subsídio disponibilizado pela Câmara Municipal apenas abrange as equipas com formação. O Sporting tem formação, mas não existe competição para os atletas juniores. O apelo da direcção é justamente nesse sentido: “Gostaríamos que a Associação Futebol de Santarém insistisse junto dos clubes para que tivessem formação”. Mas a equipa encara o futuro com optimismo. “Trabalhamos dia-a-dia, somos um grupo

muito unido e derivado a um bom ambiente os resultados começam a aparecer” – defende o treinador.

O treino prossegue. As atletas dão o máximo. Não podem falhar. A competição é dura e as adversárias também. Atravessam um período satisfatório e, apesar de terem arrancado mal no início da competição, esperam ainda conseguir chegar à Final Four – discutida entre o 1º e o 2º classificados das duas séries que disputam o campeonato distrital. Os dois vencedores vão então disputar a Taça Nacional.

O jogo de treino revela a tal agressividade de que o “mister” falava. “Vai, vai, joga!” – grita incessantemente. As que atacam pressionam: “Passa a bola... aqui... passa!”. As que defendem tentam impedir que a bola passe a linha da sua grande área: “Fecha aí... fecha!”.

ROSA

Maria Romana

Era assim a minha Rosa; olhos de um azul-escuro velado, cabelos negros e ásperos caindo-lhe pelas costas em grossa trança. De estatura meã e andar lento, quão lenta era a sua voz de tom agradável e baixo, mesmo quando nos ralhava.

Lembro-me dela, em todas, ou quase todas, as memórias da minha infância; quando o nosso mundo era a grande cozinha a cheirar a marmelada, a compotas e a merendeiros acabados de sair do forno de lenha, e ela, lá estava, vigilante no seu enorme avental; quando nas idas ao pomar as cestas iam com a meninada e sacudiam-se por entre calções e bibes e Rosa ia comandando “olhem as urtigas”, “Duarte não suba à árvore”, “meninos se não se aquietam, vou dizer à mãezinha”.

Rosa era a nossa fada dos dentes, que nos deixava cestinhos de biscoitos na mesa-de-cabeceira, era a princesa que os “rapazes-cavaleiros” resgatavam, pelo menos uma vez por semana, das garras dum dragão terrível que, ora vivia na lareira da cozinha, ora na biblioteca do avô.”

Nas manhãs da barrela, o nosso mundo e a Rosa ficavam impregnados do perfume da roupa lavada e os pedidos lamurientos “deixa Rosa deixa”, “hoje é a minha vez” ecoavam insistentes por toda a casa. Rosa mantinha-se firme até ouvir a avó “deixa Rosa, não sejas tola, o trabalho do menino é pouco, mas quem o perde é louco!” e lá ia a pequenada em alvoroço estender no relvado os grandes lençóis de linho.

Rosa era a deusa inspiradora das nossas brincadeiras; ela dirigia a orquestra dos tachos e painéis que nós tocávamos em ruidosa balbúrdia; contava-nos as histórias de bruxas e lobisomens, nas amenas tardes outonais, debaixo do caramanchão da roseira chá, o sítio da rosa, como nós o baptizamos em cerimónia solene onde não faltou o pão-de-ló feito de propósito para a ocasião.



ANA CASIMIRO

Quando é que a Rosa começou a fazer parte da nossa existência? Não me recordo. Recordo só o momento em que o rosto da mãe e o dela se alternavam num movimento estonteante, quanto estonteante era o delírio de febre que me prostrou na cama durante a infinidade de um mês. Foi a partir daí que a senti como minha! Tão minha como o era a mãe, o avô. Os outros também eram meus, mas não eram especiais. Na prateleira dos muito meus só cabiam aqueles três seres, as minhas três esferas de equilíbrio, a sabedoria, o amor e a segurança, sustentadas por uma mão invisível; a mão da harmonia...

Lembro-me, é estranha a nossa memória, de ir aos saltos pela mão da Rosa, ora à feira, (quantas vezes fugimos do colégio nas manhãs

invernosas das segundas-feiras só para ver o colorido e o burburinho do mercar festivo), ora aos campos dos fundos, o domínio da senhora Rita a caseira que nos enchia de favos de mel e nos pendurava brincos de cerejas.

Lembro, ah! Como lembro, da mão macia do Avô a segurar firmemente a minha pequena mão, nos nossos passeios das manhãs de sol, quando eu dava dois... três passos para lhe acompanhar a passada, direita ritmada, e sentia-me crescida, importante, atenta à sua bonita voz, no contar de histórias que recontavam a história que era só dele e que falava de reis, de princesas, de mistérios, de homens bons e sábios e de velhacos e eu ouvia, e sonhava, e guardava dentro de mim os pequenos pedaços dessa história muito sua,

que era a história do seu país de encantar.

E nos meus sonhos misturavam-se as histórias do Avô dos Afonsos fundadores, dos Dinizes, poetas-sábios, do João, o segundo, porque os outros eram fracos, das mulheres desse reino, que era só dele, deusas de beleza e inteligência, com as estórias da Rosa, que eram de bruxas, sombras, encantos e desencantos, transformadas em pesadelos nas noites em que os ventos zurziam nas árvores que rodeavam a casa e a chuva fustigava os vidros das janelas, noites de lamúrias, chamamentos e trovões “Jesus está zangado com os meninos, pelas maldades do dia” e os nossos terrores, de infernos e castigos, de sombras e ruídos, eram acalmados pelas chávemas fumegantes da infusão de tília

Os cabelos da Rosa foram tomando tons prateados, cada vez mais prateados e a trança intimidou-se, escondendo-se num rolo ríspido de gente crescida. O riso dos seus olhos encheu-se de rugazinhas, as suas estórias ganharam cambiantes da mistura do fantástico com a realidade vivida. E dessa realidade restava o eco da voz do Avô e o aroma das suas cigarrilhas.

O meu mundo, aquele mundo pequenino que me era tão grande, quando calcorreava, num frenesim de impaciência e descoberta, todas as ruas que desembocavam no jardim, ponto de encontro das brincadeiras, desvaneceu-se, dando lugar a outros mundos maiores, com aromas da flor de acácia e da terra molhada de outras paragens, com horizontes mais vastos, onde já não cabia o recorte da Gardunha, onde as conversas sussurradas do café do Avô eram uma murmurada lembrança.

Cresci! E passaram muitos anos, tantos que o branco dos meus cabelos já não me deixa contar. Sentada na mesma mesa do antigo café da avenida, onde o Avô se reunia com os amigos, mudando o mundo e o país em cada princípio de um novo entardecer, intenção interrompida e disfarçada ao sabor de cada entrada, traz-me a memória os sons, os sorrisos, os mistérios das conversas a meia voz e vejo-me a espreitar a animação da mesa do Avô, sinal que a brincadeira podia continuar por mais um tempo.

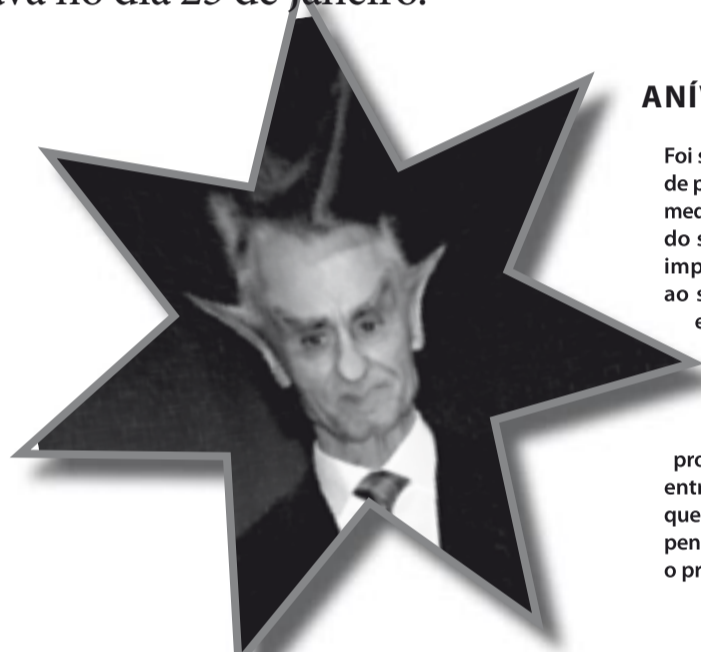
E vejo-te Rosa, nas tardes que teimavam em alongar, rosto corado de aflição e correria, mãos a torcerem-se sobre o avental “que o senhor demorava... e os meninos ainda precisavam do banho e... a senhora inquietava-se com o tardar do jantar” querida Rosa, quase se culpando por ter interrompido, com a sua chegada, o curso rígido do mundo.

O meu Avô olhava-a em silêncio, pigarreava, pegava no chapéu, desejava os bons fins de tarde e saía, solene! Na rua, alguns passos volvidos, sorria dizendo “obrigado Rosa”.

Dando azo aos superiores poderes psíquicos, e de adivinhação, do vidente (contratado a recibos verdes) do ESTA Jornal, o venerável Professor Chachafana FanaFana conseguimos descortinar o que estava na mente dos ex-candidatos à presidência da República e no do futuro Presidente, no dia seguinte às eleições presidenciais.

Recorrendo à poderosa sonda mental que o professor “Chacha” – como carinhosamente lhe chamamos na nossa redacção –, tem na ponta do seu indicador direito, entrámos nos meandros da psique mais recôndita de Aníval Cavaquistão, Baduel Triste, Marocas Sovares, Geremias Lenine, Xico Loiças e Gracia Pêra. Infelizmente, o nosso venerável professor esqueceu-se de sondar a mente de Gracia Pêra, dado que, só descobriu que este também era candidato, quatro dias depois da noite de escrutínio. Contudo, tivemos acesso às escutas telefónicas da Polícia Judiciária, pelo que conseguimos descobrir o que pensava no dia 23 de Janeiro.

[TEXTO POR JOÃO PEDRO LOBATO]



ANÍVAL CAVAQUISTÃO

Foi sem dúvida a mente mais difícil de penetrar. Tal se deve, em grande medida, ao revestimento de chumbo do seu cérebro tecnocrata, o que impede que os demais videntes ao serviço dos ex-candidatos de esquerda o consigam sondar.

Apesar deste método ser muito eficaz neste tipo de prevenção, tem o revés de atrasar os processos cognitivos de transição entre o pensamento e a fala, pelo que só é capaz de comunicar o que pensa, passados dez anos. Contudo, o professor “Chacha” conseguiu, de

forma genial, ter acesso à psique de Aníval Cavaquistão, através do seu muito diminuto canal auditivo.

Eis no que matutava o futuro Presidente da República na manhã de 23, enquanto estava no WC:

- > Comprar mais papel higiénico.
- > Pedir à Maria para fazer para o almoço uma sandes de coiratos.
- > Telefonar ao Engenheiro Sócrates, a pedir que este construa uma auto-estrada que passe pelo meio do Palácio de Belém, assim como um viaduto que passe por cima do mesmo.
- > Ir à Conservatória do Registo

Civil para mudar o nome para Dom Sebastião.

- > Comprar um espelho novo, no qual possa treinar melhor o meu sorriso horrroso, senão ficarei sempre mal nas fotos com os outros chefes de Estado.
- > Ir ao banco levantar os cheques do Felmiro.
- > Ir à manicura para tentar tirar das mãos as marcas de batôn provocadas pelos beijos.
- > Comprar uma coroa de flores para oferecer ao Marocas Sovares, com um bilhete a dizer: “Querias, não querias!”



BADUEL TRISTE

A SUA MENTE FOI SONDADA ENQUANTO TOMAVA O DUCHE MATINAL E CANTAVA, AO MESMO TEMPO, O REFRÃO D’ “A PORTUGUESA”

- > Não esquecer de lavar bem o umbigo.
- > Preparar para o almoço uma sandes de torresmos.
- > Ir ao barbeiro cortar esta barba comichosa.
- > Telefonar ao Pacman a pedir-lhe mais daquelas “coisas” que ontem fumámos.
- > Comprar uma coroa de flores para oferecer ao Mário Soares, com um bilhete a dizer: “Desculpa lá qualquer coisinha!”



MAROCAS SOVARES

FOI SONDADO ENQUANTO DAVA MILHO AOS POMBOS DOS RESTAURADORES

- > Comprar mais milho para dar aos pombos.
- > Pedir à Mariazita para me emprestar um dos “Tena Lady” dela.
- > Nunca mais acreditar nas tansas daquele puto, o José Sócrates!
- > Estar no parque às sete, para jogar dominó.
- > Comprar um xaile novo e uma botija de água quente, porque a que eu tinha antes, rebentou dia 22 e queimou-me todo.



GEREMIAS LENINE

OS SEUS PENSAMENTOS FORAM OS MAIS FÁCEIS DE DESCOBRIR. ISTO EM MUITO SE DEVE AO FÁCIL ACESSO, QUE SE PODE TER, DO LEITOR DE K7’S QUE TEM INCORPORADO NO CÉREBRO. GEREMIAS FOI SONDADO ENQUANTO CORTAVA AS UNHAS DO PÉ ESQUERDO

- > Aprender a cortar as unhas do pé direito com a mão esquerda.
- > Afiar a foice e o martelo para os próximos cinco anos.
- > Fazer “Rewind” à k7 que tenho na cabeça e guardá-la bem, para nas próximas presidenciais alguém tocar o mesmo no meu lugar.
- > Comprar uma coroa de flores para oferecer ao Marocas Sovares, com um bilhete a dizer: “A culpa é tua! E não vale a pena desculpares-te com o: Olhe que não, olhe que não!”



XICO LOIÇAS

FOI APANHADO EM FLAGRANTE PENSAMENTO, ENQUANTO PROVAVA O NOVO CACHIMBO DE BOLINHAS DE SABÃO DO NANDO ROSADO

- > Comprar um cachimbo igual a este, para me ajudar a descomprimir nos próximos cinco anos.
- > Telefonar à Anita Drácula a dizer-lhe que nos enganámos nas eleições. Eram as presidenciais e não as legislativas!
- > Telefonar aos putos que estiveram na sede do Bloco e dar-lhes uma descasca por terem sujado as carpetes com sangria e tabaco de origem duvidosa. Já agora, não esquecer de pedir aos cuspidores de fogo o dinheiro pelas cortinas que queimaram.
- > Tirar férias, porque já estou farto de ser eu a fazer o trabalho todo.



GRACIA PÊRA

COMO JÁ REFERIMOS, TIVEMOS QUE ACEDER ÀS ESCUTAS TELEFÓNICAS DA PJ PARA DESCOBRIR O QUE ESTE EX-CANDIDATO PENSOU NO DIA 23

Acabámos, por descobrir, que teve em mente comprar um contentor de metralhadoras Kalashnikov, à máfia russa, e iniciar um golpe de Estado para derrubar do poder Zé Platão e Jójó San Chóriço. Contudo, nenhuma destas ameaças foi levada a sério, nem sequer pelo Procurador-Geral da República, Sôtor Mouco.

ANA RAQUEL FERREIRA



As escolhas de... Telma Dias

Telma Dias, com 42 anos e casada há 21 anos com o proprietário do café "Chave d'Ouro", em Abrantes, ainda não fez sua viagem de sonho. Deu-se a conhecer mostrando que, às vezes, um filme ou um livro podem ajudar a resolver as pequenas questões da vida. Entre o espírito crítico e a força, que afirma serem as suas características, Telma Dias tem "muita vontade de viver e andar para a frente".

FILME – "Mar adentro". Não é o filme da minha vida, mas é um filme que me marcou e com o qual me identifico de alguma maneira. Já vi outros filmes que me marcaram de outras formas. Mas nos últimos tempos foi um dos que vi e que me identifiquei com aquela história.

VIAGEM – Viagem de sonho, só em sonhos. Na realidade, ainda não fiz a minha viagem de sonho. Espero vir a fazer! Não tenho nenhum lugar de sonho. Desde que vá em boa companhia, com liberdade para estar e usufruir da viagem.

MÚSICA – "Rolling Stones". Já vi todos os concertos que eles deram cá em Portugal e espero poder vê-los, eventualmente, este ano. É aquela banda que me acompanha desde miúda.

PESSOA QUE MAIS A MARCOU – A minha mãe. Pela sua força e por tudo o que me ensinou.

DEFEITOS – Acho que sou um pouco crítica em relação aos outros. Por vezes acomodo-me em relação às coisas e não devia. Mas acho que tenho os mesmos defeitos que todos têm.

VIRTUDES – Tenho muita força, muita vontade de viver! Sou muito corajosa, mesmo assim. Sempre dei bem a volta às coisas e sempre tentei ver as coisas pelo lado positivo.

FOBIAS – Tenho pavor a subterrâneos. Parques de estacionamento subterrâneos e tudo o que não tenha ar.

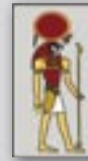
COMIDA FAVORITA – Qualquer tipo de peixe e se for marisco, tanto melhor!

LIVRO – "Conversas com Deus", de Neale Donald Walsch. Gostei deste livro porque me ajudou a ultrapassar algumas questões. Foi um livro que me ajudou a perceber algumas questões para as quais normalmente não temos resposta. Em certos momentos andamos mais em baixo e este livro ajudou a entender e a contornar alguns desses problemas.

ANA CATARINA BRANDÃO

Zodíaco Egípcio

Previsões por Tiago Lopes



Rá (Deus do Sol)
16 de Julho a 15 de Agosto

Carta: Património
É hora de investir. Aprenda a usar os seus proventos económicos. Altura de instabilidade familiar. Cuide das suas amigas. Não esqueça a cara-metade. Cuidado com o peso!!!



Neit (Deusa da Caça)
16 de Agosto a 15 de Setembro

Carta: Ermitã
Estar sozinho não é sempre negativo. Afinal o que tem a perder? Seja mais organizado no seu dia-a-dia. Esteja informado de tudo. Você não vive sozinho.



Maat (Deusa da Verdade)
16 de Setembro a 15 de Outubro

Carta: Recapitulação
Reveja os seus projectos para 2006. Será mesmo isso o que deseja? Cultive a sua ambição. Cuidado: ser justo não é ser permissivo! Vista cores alegres. Sugestão: Laranja.



Osiris (Deus da Renovação)
16 de Outubro a 15 de Novembro

Carta: Morte
PARE: Inversão de caminho obrigatória. Está a perder boas oportunidades de ser feliz. Fique atento! Esteja com os seus amigos. Redescubra o gosto pela leitura.



Hator (Deusa da Adivinhação)
16 de Novembro a 15 de Dezembro

Carta: O Conselho
Não tenha medo de dar conselhos. Se as pessoas confiam em si, corresponda! Aprofunde as suas amizades. Tenha cuidado com as constipações.



Anúbis (Guardião dos Mortos)
16 de Dezembro a 15 de Janeiro

Carta: Aprendizagem
Arrumou os pensamentos? As coisas agora vão ser muito mais calmas. Aproxima-se estabilidade financeira. Use a sua inteligência. Aproveite os momentos em família.



Bastet (Deusa Gato)
16 de Janeiro a 15 de Fevereiro

Carta: Pressentimento
Porque é que não confia nas suas intuições? Anote num papel os seus sonhos e tente descodificá-los. Eles podem ajudá-lo. Faça exercício físico para descomprimir.



Taurit (Deusa da Fertilidade)
15 de Fevereiro a 15 de Março

Carta: Conjuntura
O ano 2006 continua longe do desejado? Esforce-se mais um pouco. Tente controlar as situações sociais que vive. Época ótima para ter filhos: fertilidade redobrada.



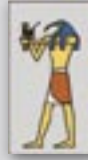
Sekhmet (Deusa da Guerra)
16 de Março a 15 de Abril

Carta: O Mago
Aprenda a ensinar. Se a sua capacidade de liderança é pedida, use-a sem medos. Não tenha medo de ser mal compreendido. Cultive os momentos passados em família.



Ptah (Criador Universal)
16 de Abril a 15 de Maio

Carta: Fortuna
Os nativos de Ptah continuam em alta. As finanças destes nativos gozam de boa saúde, se a gestão for cuidadosa. Cometa loucuras saudáveis: Porque não um cruzeiro?



Tot (Deus da Escrita)
16 de Maio a 15 de Junho

Carta: Imperador
Olhe para o futuro. As coisas podem estar um pouco confusas, mas vai ver que a longo prazo tudo se resolverá. Telefone a um amigo com quem não fale há muito tempo. . .



Ísis (Deusa da Magia)
16 de Junho a 15 de Julho

Carta: Temperança
Pondere os prós e os contras das suas acções. Seja racional na escolha de novas amizades. Invista nos sonhos que pediu na noite de 1 de Janeiro. O tempo não está perdido.

: TESTE À CULTURA ABRANTINA :

1. HÁ QUANTOS ANOS ABRANTES É CIDADE?

2- QUAL O NOME DO MUSEU?

3- QUAIS OS CURSOS DA ESTA?

POR VÂNIA PALMINHA

VOX POP



Paula Damas, 40 anos, empregada de balcão
1. Não me lembro
2. Igreja Santa Maria do Castelo
3. Comunicação Social; Engenharia Mecânica; Curso relacionado com Arte



Maria Fernanda Subtil, 47 anos, reformada
1. Não me lembro
2. Não sei
3. Há vários mas não sei o nome



Alfredo Gomes, 65 anos, reformado
1. Não me lembro
2. D. Lopo de Almeida
3. Engenharia; Comunicação Social



Jorge Martins, 51 anos, empregado de comércio
1. Não me lembro
2. D. Lopo de Almeida
3. Jornalismo; Informática



Daniel Pardal, 15 anos, estudante
1. Não sei
2. Não sei
3. Arquitectura



Guiomar Santos, 36 anos, empresária
1. 50 anos
2. D. Lopo de Almeida
3. Engenharia Mecânica; Engenharia e Gestão Industrial; Comunicação Social; Design

Respostas: 1. 90; 2. D. Lopo de Almeida; 3. Comunicação Social, Tecnologias de Informação e Comunicação, Engenharia e Gestão Industrial, Design e Desenvolvimento de Produtos